



FLORIANÓPOLIS, NOVEMBRO 1979

NÚMERO 00

BOI de MAMÃO

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

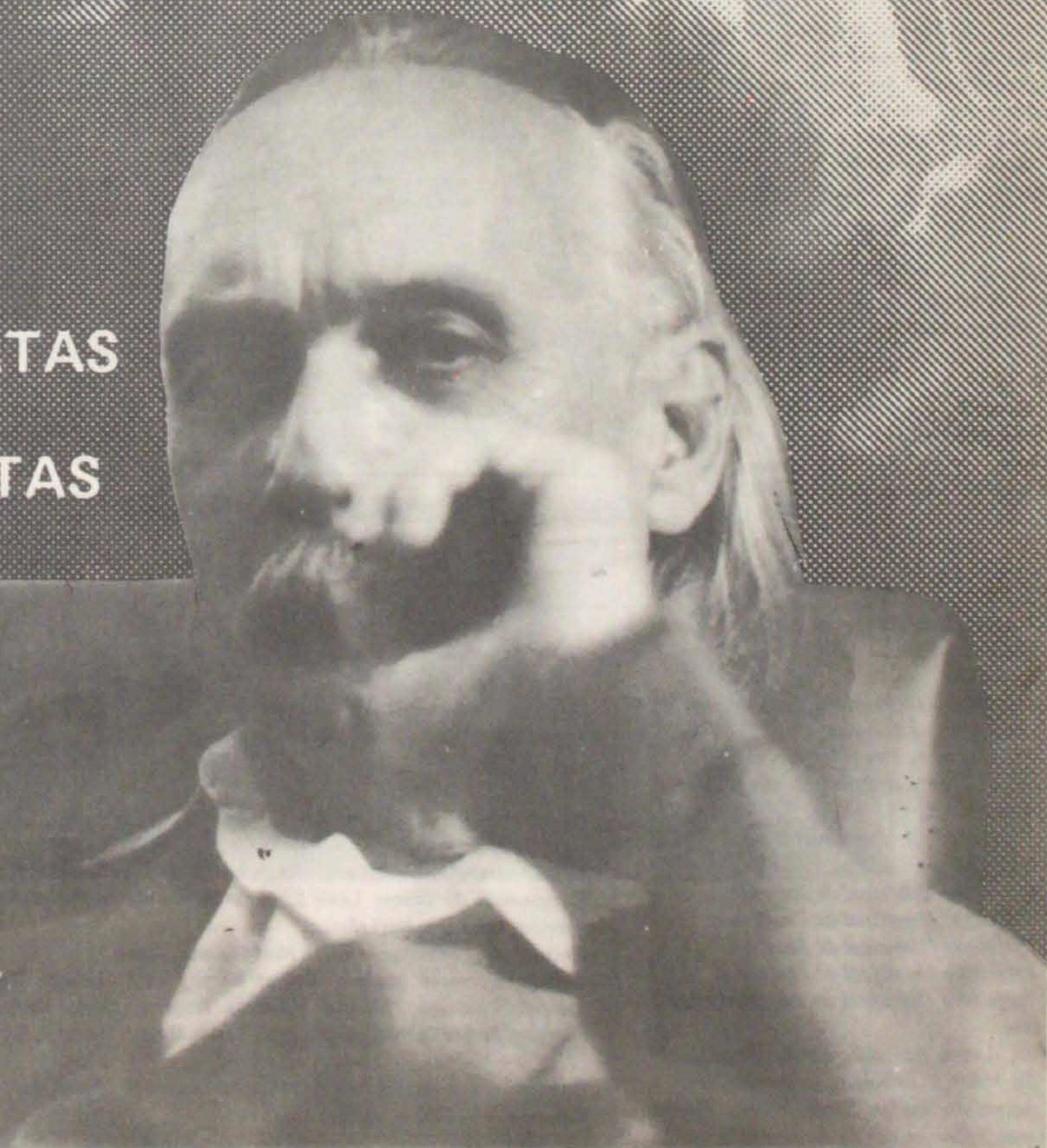
Prof. Dr. Lauro Junhies
Presidente da ACL
DOAÇÃO

NESTE NÚMERO:

AMARO SEIXAS NETTO,
IMPREVISÍVEL

HUGO MUND JR.,
INTEIRINHO

LITERATAS
&
CASCATAS



"Boi-de-Mamão" agradece as palavras de incentivo registradas em inúmeras cartas e telegramas remetidos à Fundação Catarinense de Cultura, relativamente ao lançamento do nosso número zero:

"De ordem do Excelentíssimo Senhor Vice-Governador, tenho o prazer de acusar o recebimento de exemplares do número zero (experimental) do jornal de cultura "Boi-de-Mamão", editado por essa Fundação.

Ao fazê-lo, agradeço a gentil remessa, apresentando cumprimentos pela feliz idéia, que enriquecerá a divulgação de nossa cultura".

Nilton Severo da Costa, Chefe de Gabinete do Vice-Governador.

"Santa Catarina estava esperando uma iniciativa como a presente e seria um terrível empobrecimento para o homem catarinense se ao lado do indiscutível progresso material não caminhasse pari passu a cultura que os promotores de "Boi-de-Mamão" se propuzeram divulgar em nossa terra".

Dom Anselmo Pietrulla, Bispo de Tubarão, SC.

"Recebemos, com satisfação, o número zero do Jornal da Fundação Catarinense de Cultura "Boi-de-Mamão", de agosto de 1979.

Aproveitamos o ensejo para registrar a excelente impressão que nos causou a diagramação e a riqueza dos textos da citada edição".

Prof. Caspar Erich Stemmer, Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina.

"Mais que as coisas lindas, são as coisas findas que ficarão", diz num verso Carlos Drummond de Andrade.

De fato, tenho o prazer raro de cumprimentar alguém de Santa Catarina por uma iniciativa não só pioneira, pois existem muitas, mas bem feita, com objetivos que implicam uma cobertura abrangente de toda a atividade cultural do Estado.

De fato, prezado João Nicolau, como dizes na entrevista, não basta sobreviver. É preciso fazer. Se possível, fazer bem feito, como o número zero de "Boi-de-Mamão" está mostrando".

Carlos Jorge Appel, Editora Movimento, Porto Alegre, RS.

"... honra-me comunicar a Vossa Senhoria que o número zero da publicação "Boi-de-Mamão" foi recebido com grande alegria neste Conselho, onde ocorreram manifestações de louvor e incentivo".

Oswaldo Ferreira de Mello Filho, Presidente do Conselho Estadual de Cultura, SC.

"Cumprimentos pelo lançamento de "Boi-de-Mamão" e o estímulo a prosseguir na importante iniciativa editorialística".

Wilmar Dallanhol, Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, SC.

Também acusaram o recebimento de "Boi-de-Mamão" as seguintes entidades e pessoas:

Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina;

Grupamento do Leste Catarinense; Fundação Educacional da Região de Joinville - FUR;

Faculdade de Educação da FESC-UDESC; Biblioteca Central da PUC do Rio Grande do Sul;

Unidade de Coordenação Regional de Educação, de Joaçaba - 09 UCER;

Faculdade de Ciências Contábeis, Econômicas e de Administração da FEMARP, Videira, SC;

Faculdade de Engenharia, de Joinville, da FESC - UDESC;

Prefeitura Municipal de Joinville; Prefeitura Municipal de Canoinhas;

Prefeitura Municipal de Brusque; Prefeitura Municipal de Joaçaba;

Prefeitura Municipal de Rancho Queimado;

Sr. Anand Rao Adusumilli, Brasília, DF;

Sr. Mário L. Erbolato, Campinas, SP;

Jornalista Carlos Braga Müller, Blumenau, SC.

CONCURSO PERMANENTE "BOI-DE-MAMÃO" CONTO, POESIA, FOTOGRAFIA E CARTUM

Os trabalhos premiados serão aqueles selecionados para publicação no "Boi-de-Mamão" e o autor receberá como prêmio Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros).

Condições

Contos e Poemas - datilografados em espaço dois, em três vias. Tema livre.

Fotografia e Cartum - uma via, 18x24, em preto e branco. Tema livre.

Os trabalhos deverão ser remetidos à:

Fundação Catarinense de Cultura
- Concurso Boi-de-Mamão
Rua Victor Konder, 71
88.000 - Florianópolis - SC



Martinho de Haro.



"FOLCLORE BRASILEIRO - SANTA CATARINA" - Doralício Soares - FUNARTE/MEC, 1979 - 84 pp. - Cr\$ 50,00.

Levantamento e registro da linguagem popular, literatura oral, danças folclóricas, cultos populares, arte e artesanato, culinária e demais manifestações do folclore catarinense, por um dos mais conhecidos estudiosos do folclore no Estado. Doralício Soares é presidente da Associação Catarinense de Folclore.

PEDIDOS PARA:
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
Rua Victor Konder, 71
88.000 - Florianópolis, SC

BOI
de
MAMÃO

Diretor Responsável: João Nicolau Carvalho

Editor Chefe: João Paulo Silveira de Souza

Editora de Texto: Colaca Grangeiro

Editor de Arte: Max Moura

Reportagem: Maria Isabel Régis

Fotografia: Fernanda Telles e Gilberto Gerlach

Arte: Kleber Rigueiras, Sérgio Campos e Luiz Carlos dos Santos

Composição de Texto: Lenir Lúcia da Silva e Maria Helena M. Bento

Serviços Gráficos: Neri Marçal

Revisão: Janete Ratuchenski e Maria Salette Casett

Colaboram neste número: Seixas Netto, Vera Collaço, Celestino Sachet,

Manoel Camargo, Marcus Mendra, Rogério Otto, Marquito, Maurício

Ferreira, Neide Campos, Herculano Farias Júnior, Gilberto Gerlach.

Composto e impresso nas Oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Santa

Catarina - IOESC - 1979.



CONCURSO LITERÁRIO - 1979

- Conto:
Prêmio Virgílio Várzea

- Poesia:
Prêmio Luiz Delfino

- REGULAMENTO -

Art. 1o. - Fica instituído o Concurso Literário - 1979 - com o objetivo de atrair e estimular a criatividade literária catarinense, nas seguintes áreas:
Conto - Prêmio Virgílio Várzea
Poesia - Prêmio Luiz Delfino

Art. 2o. - Ao presente concurso pode concorrer qualquer pessoa residente no Estado de Santa Catarina e todo catarinense residente fora.

Art. 3o. - É permitido concorrer em mais de um gênero literário.

Art. 4o. - Os candidatos deverão inscrever-se com três contos e/ou poemas, inéditos.

§ 1o. - Os trabalhos deverão ser enviados em três vias, em papel tamanho ofício, datilografados em apenas um lado da folha, em espaço dois. Cada página deverá trazer registrado o pseudônimo.

§ 2o. - O remetente fará constar no envelope de remessa o pseudônimo e o gênero escolhido.

§ 3o. - Deverá ser enviada sobrecarta identificadora, lacrada, com os seguintes dados:

- nome completo
- pseudônimo
- endereço completo
- lugar de nascimento
- CPF
- título da(s) obra(s)

Art. 5o. - Os trabalhos deverão ser entregues até o dia 02 de dezembro, às 18:00 horas, na sede da Fundação Catarinense de Cultura (CONCURSO LITERÁRIO - 1979), Rua Victor Konder, 71 - 88.000 - Florianópolis - SC.

Parágrafo único - Se forem remetidos pelo correio, os trabalhos deverão vir sob registro cuja data será considerada a da inscrição.

Art. 6o. - Os trabalhos inscritos, tanto de contos como de poesias, concorrerão aos seguintes prêmios:

1o. lugar - Cr\$ 20.000,00

2o. lugar - Cr\$ 10.000,00

3o. lugar - Cr\$ 5.000,00

4o. e 5o. lugar - Menção Honrosa com placa de prata.

Parágrafo único - Os classificados receberão os prêmios na solenidade em que também será homenageada a memória de Cruz e Souza.

Art. 7o. - A participação neste concurso estabelece o compromisso de ceder os direitos autorais dos contos e poesias que forem classificados à Fundação Catarinense de Cultura. E esta publica-los-á como e onde achar próprio; todavia os autores estão liberados e podem publicar onde e como queiram os mesmos trabalhos classificados.

Art. 8o. - A Comissão Julgadora será constituída por 3 (três) membros convidados pela Fundação Catarinense de Cultura.

Art. 9o. - É vedada a participação de funcionários da Fundação Catarinense de Cultura, como concorrentes.

Art. 10 - A inobservância de qualquer item deste Regulamento implicará na eliminação do trabalho concorrente.

Parágrafo único - Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Julgadora, não cabendo recursos de suas decisões.



"Seja benvindo realmente"

Fotograma No. 1 de "Centenário da Colonização Alemã em S. Catarina", 1829 - 1929.

Documentário cinematográfico realizado por Julianelli (1929)

Em São Pedro de Alcântara, São José.

Arquivo M. Marchetti.

Diariamente, em todo o Estado, milhares de catarinenses consultam este homem de 50 e poucos anos, autodidata, residente no Estreito, em Florianópolis. Para viajar, programar o fim de semana na praia, o plantio na lavoura, ou a diversão no carnaval, há sempre alguém perguntando "qual é a previsão do Seixas".

Amaro Seixas Ribeiro Netto publica diariamente um boletim meteorológico no jornal "O Estado" e já escreveu mais de mil artigos científicos sobre Meteorologia e Astronomia. Alguns juram que ele não erra uma previsão, outros, ilhéus gozadores, afirmam que consultam a previsão para ter certeza que vai ocorrer o contrário.

Para Seixas Netto a Meteorologia "não é olhar um termômetro, é a arte de observação da natureza diuturnamente". Esta atitude de observação, anterior

ao seu trabalho como meteorologista o tornou um grande conhecedor da natureza e do ser humano. Ele define o homem como um complexo de absurdos e é ele mesmo paradoxal: desconsidera a ciência oficial e as instituições de ensino, "porque não ensinam, fazem o aluno pensar o que pensa o professor", e ao mesmo tempo é diretor de uma escola nos moldes vigentes, "porque a lei exige".

Embora avesso a entrevistas — porque "as pessoas se ligam em conceitos e doutrinas, não vão entender o que eu digo, vão ver da maneira deles e criar problema" — consentiu em falar ao Boi-de-Mamão. Preocupado em recuperar o sentido exato das palavras e conceitos, criticou o nome do jornal, que na sua opinião, não deveria chamar-se assim, mas Boi Mamão, já que a origem da brincadeira é um ritual para cura de bezerras.

Seixas Netto é membro de diversas entidades científicas brasileiras e estrangeiras, entre elas, a Academia de Ciência de Roma; Academia Teatina para a Ciência, de Pescara; Instituto de Ciência Astronômica e Cosmológica, da Livre Universidade de Estudos Leonardo Da Vinci, de Palermo; Instituto de Paleontologia e Arqueologia de Palermo; Academia Catarinense de Letras e Comissão Catarinense de Folclore.

Publicou diversos livros: Os Povoadores do Universo; Nem Deuses Nem Astronautas; Clima Regional da Ilha de Santa Catarina; As Enchentes do Vale do Itajaí; Geoecologia Atmosférica; O Zodíaco; e, no prelo, História das Constelações; Astrologia e Cantos Ilhéus.

Entrevista de Bel Regis.
Fotos de Fernanda Telles.



Como surgiu esse interesse pelo tempo?

Seixas Netto: Não houve interesse no sentido comum de interesse. O que houve foi o seguinte: há muitos anos eu passei a observar que a ciência era um tanto tacanha. Não tem amplitude. Não tem profundidade. É uma coisa de uma dimensão só. E ela se exercita mais como um meio de vida das pessoas, que pelo interesse pela ciência em si. Aquela coisa rotineira, que não evolui, chata. E naquela época eu estudava astronomia, então resolvi me dedicar à pesquisa do tempo. Resultado: descobri uma série de fórmulas que permitem fazer previsões a longo prazo, por um ano, 10 anos, 100 anos.

O senhor descobriu coisas inteiramente novas nesse campo?

Seixas: Não descobri. Já existiam. Eu descobri foi a maneira de operar essas constantes.

Como o sr. montou a aparelhagem pra trabalhar?

Seixas: As pessoas são muito ligadas a aparelhagens, a coisas que não têm muita importância. A Ciência não se faz com aparelhos. A natureza não tem aparelhos. A natureza é. E ela está aí para ser lida. Aparelhos se faz para repetir ou conferir a natureza. Mas também não têm valor nenhum. O que teria valor?

Seixas: A minha visão de ciência é um tanto chocante. Só se pode fazer ciência quando se repete a natureza. Então, a ciência é empírica. Ela é feita numa série de sucessivas experiências após o que se chega a uma conclusão, ou apanhando no ar os acasos. A ciência não é linear, ela é cheia de acasos. Todas as grandes descobertas foram um acaso.

Sim, mas não havia sempre, com um método, a procura daquilo?

Seixas: O erro da coisa é a escravidão ao método. Toda metodologia é uma complicação, não evolui. A história do método em ciência começou com Roger Bacon, e o Descartes complicou a coisa. E como o método complica, as grandes descobertas são feitas por acaso, ou quando o cidadão é completamente virgem de conhecimento. Vemos então na história da ciência uma porção de gente que não tinha conhecimento prévio. Como Ampère, que descobriu a luz elétrica, era um encadernador de livros. Não era um doutor em qualquer coisa, senão ele teria metido um par de antolhos, e só teria visto sob o prisma dele, ou da ciência da sua época, como os doutores da sua época viam. O Santos Dumont foi por acaso que chegou à conclusão que se voa com o mais pesado que o ar. Fez o único avião do mundo que voava com a cauda para a frente. Hoje ninguém sabe fazer uma coisa dessas. O 14 Bis tem esse nome porque ele era a quilha do balão número 14. Ele, armou um cavalete para experimentar um motor, ou coisa que o valha, e viu que aquilo podia voar.

Pensei que ele já estivesse pesquisando exatamente esse tipo de aparelho.

Seixas: não, ele estava pensando em sair voando com um balão qualquer. E no seu caso também foi feito por acaso?

Seixas: Tudo que é importante é feito por acaso ou por um procedimento empírico. Não se pode dizer, vou descobrir por que se forma uma nuvem. Aí o cidadão não chega a nada.

Em meteorologia é preciso ter uma visão abrangente do universo, para se chegar a alguma coisa?

Seixas: O cidadão que classificou as nuvens em cumulus, nimbus, etc. não entendia de meteorologia e não cuidava disso. Era um biólogo, Lamarque. Então, tudo que foi desenvolvido era de gente que não era ligado a isto. Hoje só se entende que alguém possa fazer alguma coisa se se especializou na dita coisa. O que é um erro. O cidadão especializado é parado. Só sabe fazer aquilo. Se pegar uma pessoa com uma

grande soma de conhecimentos, que esteja ligado a ramo nenhum as pessoas não aceitam.

Mas seu campo de interesse é mais ou menos específico, não?

Seixas: Não. Aí é outro problema. O mundo contemporâneo tem a mania de seccionar a coisas e não vê-las em conjunto. O universo é um só, ele não é picadinho. Daí é preciso ter conhecimento, não informação. Informação a gente pega em almanaque aí na farmácia.

E como se chega a esta totalidade de conhecimento de que o sr. fala?

Seixas: Só pessoas especiais fazem isso. São as que rompem com tudo. É preciso romper com tudo. São os inovadores.

E o sr. rompeu com toda uma forma de aprendizado?

Seixas: Eu não rompi com nada porque eu não estava vinculado a nada. Eu não tomo conhecimento do que é convencional. Eu não sou ligado a nada.

O sr. vive de quê?

Seixas: Sou jornalista aposentado. Dirigi o Diário da Tarde. Sou correspondente científico da revista "O Cruzeiro". Escrevo para vários jornais da Europa. Quando eu trabalhava também tinha esta independência e não tomava conhecimento de nada que estivesse condicionado.

Como é a sua relação com o conhecimento oficial e com a universidade?

Seixas: Eu simplesmente aceito. Ela está cumprindo a função dela como foi determinado, como de modo geral todo mundo aceita. Agora, simplesmente eu não vejo sentido na coisa. Não adianta criar doutrinas e teorias se essa teoria não for empírica. Modelos e teorias não resolveram nada. Escrevi um livro mostrando que há 146 teorias conhecidas sobre o universo, e até hoje ninguém conhece nada. Sobre essas teorias se gastaram rios de papel, caluniaram quem não aceitava, mataram, queimaram, crucificaram quem não as aceitava. E não

já estavam condicionados.

Os seus livros de modo geral são sobre o conhecimento científico?

Seixas: Eu escrevo com o objetivo de chegar a este argumento: é preciso entender que a decadência de conhecimento se deve ao fato de que hoje não temos filosofia. Não temos um filósofo que possa ter a estatura e o conhecimento de Aristóteles. O Aristóteles foi o cara que mais atrapalhou a evolução da ciência. Os que liam a obra dele achavam que ele sempre tinha a última palavra, não permitindo que a coisa evoluísse. Mas hoje não tem um Aristóteles, não tem um Platão. Não tem um homem que faça uma obra monumental. O homem perdeu o conhecimento do geral e se dedicou a minúcias, que, por ser particular não leva a coisa nenhuma.

É verdade que houve uma perda de conhecimento universal, mas por outro lado, a especialização não levou a um desenvolvimento material?

Seixas: Não, esta especialização hoje não dá para matar a fome do mundo. Não foram os interesses econômicos, de aumento de produtividade que levaram à especialização, e à perda do conhecimento universal?

Seixas: É isso mesmo. É a parte monetarista. Mas há outra razão. Por exemplo, o que é o pensamento do ser humano? O ser humano é um complexo de absurdos que nenhuma psicologia dessas que está por aí consegue explicar. Nenhum Freud, nem Adler, nem sei lá quem mais. Porque se cria a coisa em cima de palavras e não em cima de realidades. A primeira coisa que o cidadão inventa é uma palavra pra dizer uma coisa que todo mundo já sabe. Aí começa a confusão porque ninguém sabe o que é a palavra.

O sr. estuda astrologia também?

Seixas: Eu não estudo essa astrologia de almanaque. A astrologia só é perfeitamente exata se a pessoa tiver conhecimento profundo de astronomia. Sabemos, por exemplo, que a astrologia tem a Lua. O movimento da Lua ao redor da Terra tem um pouco mais de 24 horas e neste movimento



vai levando a maré. A Lua atrai a superfície líquida. Em cada 6 horas nós temos uma maré alta, depois uma baixa. Quando a Lua passa num meridiano, a maré é alta, quando está na linha do horizonte a maré é baixa. Isto é astrologia, a influência do astro sobre a Terra. A Lua atua sobre as pessoas porque atua sobre a superfície líquida. Inclusive as pessoas desequilibradas mentalmente têm a sua loucura acentuada durante a Lua cheia. Na agricultura, planta-se na posição x, colhe-se na y. Os planetas atuam sobre a Terra porque têm campo magnético. Por isso é possível a previsão do que vai ocorrer no campo físico daqui a um ou a 100 anos. Mas não se pode prever que vou ganhar no bicho daqui a 3 horas.

Em uma ocasião o sr. fez uma crônica, na "Diário da Manhã" sobre o fantasma da Pedra de S. Luís". Qual era a sua intenção?

Seixas: Tudo tem que ter os seus fantasmas, que é justamente a sua parte alegre. Um mundo sem fantasmas é um mundo maluco como esse que temos aqui. Um mundo que não diz nada. O homem está cada vez mais feroz, um contra o outro, e todo mundo de cara amarrada. Todo mundo querendo ser, mas sem saber o quê. O que está faltando para todos é um espelho. O ser, tanto humano como não, é um conjunto de duas coisas: de um espírito e de uma entidade física. É um duplo. Por isso o homem não pode entender unitariamente as coisas e precisa criar figuras. Eu penso que é preciso cultivar a parte misteriosa da vida, e quando não se tem é preciso criar, para que a vida possa ficar afinada com a dualidade do ser humano. Daí a razão dos duendes e dos fantasmas.

E em que condições floresce esta parte misteriosa da vida?

Seixas: Para ver o que é criado pela própria mente é preciso um certo estado de espírito, uma certa sonolência. Aqui na nossa ilha e em todo vilarejo onde há uma certa calma, a mente cai em inércia, cai naquela modorra e vai criando saci, mula-sem-cabeça, e depois vai fazendo conto, contando em reunião. Eu vivi num mundo assim. A Ilha era um matagal enorme com fantasmas em tudo quanto era canto.

O que era a pedra de S. Luís?

Seixas: Na Praia de Fora tinha uma pedra com dois pés gravados, na distância de uma passada, que chamavam pé de S. Luís. O interessante é que cabia qualquer pé, o de uma criança ficava justinho, o de um adulto 44 cabia certinho. Pois arrancaram a pedra para passar uma avenida. Em torno daquele pé havia uma série de lendas. Ali, tudo se chamava S. Luís

porque Dias Velho desembarcou sob a proteção desse santo. Bem, toda gente de mais de 30 anos botou a sua patinha ali. Era uma coisa notável e arrancaram.

É preciso compreender que uma coisa é tanto mais real quanto estiver coberta pelo véu da fantasia. A gente só pode apreender uma coisa se tiver um ponto de referência: comparar a realidade com uma coisa irreal do lado. O véu do sonho e da fantasia é que envolve a realidade. A realidade nua nem é realidade. Aqui na Ilha havia isso: fantasmas tradicionais, como há ainda hoje na Inglaterra. Mas aqui é a terra do já teve.

Por que o sr. nunca saiu de Florianópolis?

Seixas: Pra mim não existe nada mais bobo e inócua do que viajar. O cidadão que se dedica a estudar profundamente não precisa viajar. Kant nunca saiu de Königsberg. O lugar mais longe que foi, era a 10 km e se arrependeu. O conhecimento é universal. Ninguém precisa sair de Florianópolis para ter contato com o mundo.

Na década de 50 o sr. já levantava problemas ecológicos que só hoje estão sendo debatidos. Como está Santa Catarina hoje, em termos de equilíbrio ecológico?

Seixas: A destruição aqui começou em 1938 com a derrubada de toda a floresta subtropical no planalto. Primeiro foi a araucária, depois a canela, a peroba e o óleo, que não existe mais hoje. O óleo era a única madeira que se prestava pra fazer pilão. Podia receber cacetada e não abria. Com este desmatamento o Planalto passou a sofrer seca. Uma árvore joga, em 24 horas, 200 litros de água na atmosfera. Agora imagine a derrubada de uma floresta: hoje no planalto não há mais vapor d'água em suspensão, e portanto, respira-se mal. Quem sofre do coração e vive lá, tá perdido. É preciso deixar por 50 anos a natureza se recompor. Plantar só árvores nativas. A implantação de Pinus naquela região é a maior prova da estupidez nacional. Mas quem introduziu foi uma empresa norte americana.

Seixas: Com testas de ferro. O pinus é uma árvore subpolar de floresta subártica, existente no Canadá e norte dos Estados Unidos. Seu metabolismo é o inverso do metabolismo das florestas tropicais. A nossa retira o carbônico e solta o oxigênio, por isso as nossas árvores têm o caule duro. O pinus retira a água da atmosfera, e, portanto, retira o oxigênio e expira gás carbônico. Por isso líquida com a vida: em volta não vive uma cobra, um passarinho, nem uma aranha. Além disso ela expele um óleo que cobre os poros da pessoa e altera o metabolismo do corpo.

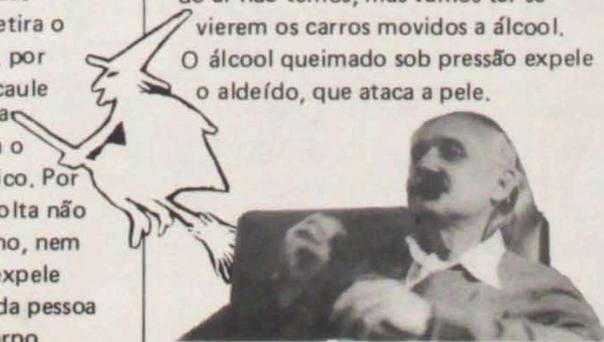
Agora, sua fibra é muito mole, e é por isso altamente econômica para fazer pasta. Se o brasileiro fosse sério não fazia isso. A árvore não se aclimata, ela adapta o ambiente ao seu metabolismo. Pode observar que no Rio Vermelho, onde há plantação de Pinus o clima é diferente do resto da Ilha. É preciso deixar a natureza se recuperar, porque a natureza é vingativa. Cada vez que se toca numa parte que não deve, ela se rebela noutra.

E o Vale do Itajaí?

Seixas: No rio Canoas e no rio do Peixe tem a poluição porque é despejado o resíduo na pasta mecânica, no rio Tijucas, é o resíduo da usina de açúcar. No Vale do Itajaí é a poluição química direta por causa dos corantes das tecelagens, que são reagentes violentos. Ela altera o ar até 100 metros de altura. Além disso, durante as enchentes a água se esparrama sobre a superfície e deixa o resíduo químico.

E Florianópolis?

Seixas: Como em todo lugar, tem o lixo físico: o material que não se decompõe e é jogado no meio ambiente — lata e embalagens de plástico. Precisamos criar uma ecologia sanitária. Sugerir ao prefeito Cordeiro que regulamente: o lixo só será recolhido se vier num saco ou lata o material orgânico, o único degradável, e no outro, o não degradável para ser incinerado. Tem ainda a poluição das baías que se tornaram duas enormes cloacas. Ali, as partículas salinas em suspensão, durante o verão, estão reduzidas em 28% do que era há 30 anos. Está decrescendo o coeficiente de salinidade da água, até o nível de água simplesmente salobra, incapaz de vida animal. Ao mesmo tempo este processo aumentará a estabilidade térmica da água, sem níveis de inversões naturais, irradiando constante calor para a baixa atmosfera, o que provocará um aumento de 6 a 11 graus na temperatura média. A poluição, aliada ao escoamento do aterro que é a maior cretinice, dentro de 20 anos vai fechar as baías. Vamos ter o viaduto Hercílio Luz e o viaduto Colombo Salles. Por isso sempre insisto que o esgoto deve ser levado para o Oceano, e que a ponte Colombo Salles fosse construída na ponta sul. Poluição do ar não temos, mas vamos ter se vierem os carros movidos a álcool. O álcool queimado sob pressão expele o aldeído, que ataca a pele.



ECOLOGIA É:



Amaro Seixas Netto redigiu para Boi-de-Mamão sua definição de ecologia. Estas idéias estão desenvolvidas em um livro, *Geoecologia Atmosférica*, publicado em 1976 pela Fundação Dr. Blumenau.

“Ecologia, no seu exato sentido, é a relação de equilíbrio entre os grupos vivos no respeitante ao metabolismo do meio atmosférico: um grupo, os vegetais, emite oxigênio e absorve anidrido carbônico; o grupo oposto, os animais, inclusive o homem, emite anidrido carbônico e absorve oxigênio. Isto equaliza o meio atmosférico, tendo como campo de troca o nitrogênio.

Tudo quanto altera o processo é anti-ecológico. É poluente quando altera quimicamente um dos processos; é lixo em suspensão quando interfere no campo natural. A regra geral é esta: a vida vegetal depende da vida animal, como a vida animal depende da vida vegetal. Equilíbrio ecológico decorre, pois da equalização entre dois sistemas vitais. Daí porque só se conseguirá um equilíbrio ecológico se permitirmos que a natureza animal e vegetal se recomponham naturalmente.

Não se conseguirá equilíbrio ecológico extinguindo espécies animais ou plantando árvores sem observar o processo natural. A natureza faz a rejeição do que lhe é imposto antinaturalmente. Por isto se deveria reservar áreas florestais intocáveis, onde a natureza tivesse seu curso. Plantar vegetais por adaptação ou por aclimatação é antiecológico, porque, realmente, os vegetais não se adaptam a habitat diverso; antes, oferecem reação buscando adaptar o meio envolvente à sua atividade vital. Os vegetais “aclimatados”, realmente não se aclimatam, eles vão lentamente interferindo no meio e adaptando-o a si, desequilibrando este setor da natureza onde é intruso.

Logo, o vegetal não se adapta, ele cria em torno de si um meio igual ao de origem. Já os animais, tirados do seu habitat, não conseguem adaptar o meio a si, e não se adaptam ao novo habitat. Eles sofrem progressivamente a decadência biológica e tendem a aniquilar-se ou sofrer mutações substanciais que os descaracterizam antes da extinção final da sua espécie.”

DOS LEITORES

Manoel Camargo

YA QUEDO

Yá quedo atrás de nuevo
atrás de la puerta escondido
y solo observando mudo, indefenso.
Con la aurora cortada por la mitad
voy ahogandome con la sonrisa
con las palabras
con los sollozos.

El frío
congela la boca
en las torrentes aguas
de la castidad.

Natalidad matriculada
en esconderijos reprimidos.
Y voy quedando atrás,

atrás de la pausa,
atrás de la autocrítica,
atrás del sueño.
Voy entrando a una realidad
sin horizontes y con patíbulo
en el paraíso.

Manoel Camargo – Chileno.
Estudou Artes Plásticas.
Está há seis meses no Brasil.
De passagem por Florianópolis.

Marcus Mendra

PROBLEMA SUL/CATIVO

Não importa que o amor não venha
nesse tempo nublado de longa espera;
nem há dor por não saber outra senha
de fazer brotar no inverno a primavera.

Não corroe de ânsia a ausência
que cativa e sulca os vazios momentos;
nem destrói a mágica dessa essência
de verter calor do frio desses tormentos.

A lembrança viva percorre ruas,
trama idéias errantes no escuro das noites,
diz desejos dentre saudades nuas,
apesar do tédio que responde açóites.

Sim, o sol é o fruto da manhã;
o afeto, futuro fértil que eu carrego
de amor qual rosa úmida e sã
nesses campos áridos a que me entrego.

De Belo Horizonte, MG Editor de "Nosso
Jornal", órgão noticioso da Associação dos
Economistas Federais de Minas Gerais.
Tem poemas, cartuns, fotografias e contos
publicados nos principais jornais e revistas
brasileiros. Premiado em concurso de conto
e poesia.

O número relativamente grande de contos e poesias, principalmente, enviados ao "Concurso Boi-de-Mamão", não apenas de Santa Catarina, como de outros Estados, leva-nos à satisfação de registrar a receptividade que o número zero do "Boi" mereceu e ainda vem merecendo de leitores brasileiros.

Como ficou estabelecido, a publicação em nossas páginas dos trabalhos selecionados é a condição para o recebimento do prêmio de Cr\$ 1.000,00. Na presente edição, publicamos alguns dos selecionados.

Por outro lado, sugestões de participantes do Concurso nos têm sido feitas, por cartas, no sentido de que se publique breve comentário crítico dos trabalhos remetidos, justificativo da sua inclusão ou não em nossas páginas. Acreditamos justas as sugestões. A partir do próximo número, vamos abrir espaço para isso, deixando claro que a nossa preocupação será antes de orientar didaticamente para um estímulo à criação, dentro da nossa proposta editorial, do que estabelecer rígidos julgamentos de qualidade artística ou literária.

A seguir, fazemos o registro, com indicação das iniciais dos autores e o título das obras, do material recebido até o momento:

A.L.M.F. – Itajaí, SC – "Boi-de-Mamão" (desenho); M.M. – Belo Horizonte, MG – cartuns, fotografias, "Nebulosa" (conto), "Problema Sul/Cativo", "Querer", "Veludo" (poemas); V.A. – Belo Horizonte, MG – "Recomeço", "Poema Existencialista", "Miss Brasil 75" (poemas); C.L.A.A. – Ipatinga, MG – "Passageira" (poema) e crônicas; A.C. – Florianópolis, SC – "As flores do Jardim da Nossa Infância" (poema); F.R. – Florianópolis, SC – "Reza", "Vespertinos" (poemas); L.A.G. – Belo Horizonte, MG – "A Visita" (conto); "Proibindo Restrições" (poema); J.T. – Porto Alegre, RS – "Contraste" (conto); C.L.V.J. – São João Batista, SC – "Um Descuido dos Velhos" (conto); S.T.M.M. – Orleans, SC – "Pai Era Herói" (conto); H.S.T.F. – São Paulo, SP – "Acordar de Insatisfação" (conto); Y.S. – Navegantes, SC – "A Solução" (conto); C.A.V. – Joinville, SC – "Recém-Casados" (conto); A.G.H. – Florianópolis, SC – "Monumento" (poema); M.D. – Florianópolis, SC – "Cabines de Felicidade" (poema); L.K. – Trombudo Central, SC – "Por que?" (poema); Z.F.W. – Ituporanga, SC – "Sonho", "A Debutante", "Reflexos", "Recordações" (poemas); H.I.M. – São José, SC – "Num Cantinho", "Silêncio", "Meu Olhar", "Caminhada", "Navegar", "Mar", "O Tempo e o Vento", "Natureza" (poemas); F.Z. – Taió, SC – "O Tiracóis", "Sexta-Feira da Paixão", "O Pescador" (contos); "Desejo-ilusão", "O Contato", "Última Flor", "Luzes da Noite", "Pequeno Exame", "A Noite" (poemas); H.N. – Florianópolis, SC – "Terminal de Ônibus" (poema); M.F. – Florianópolis, SC – "Flagrante Urbano" (fotografia).

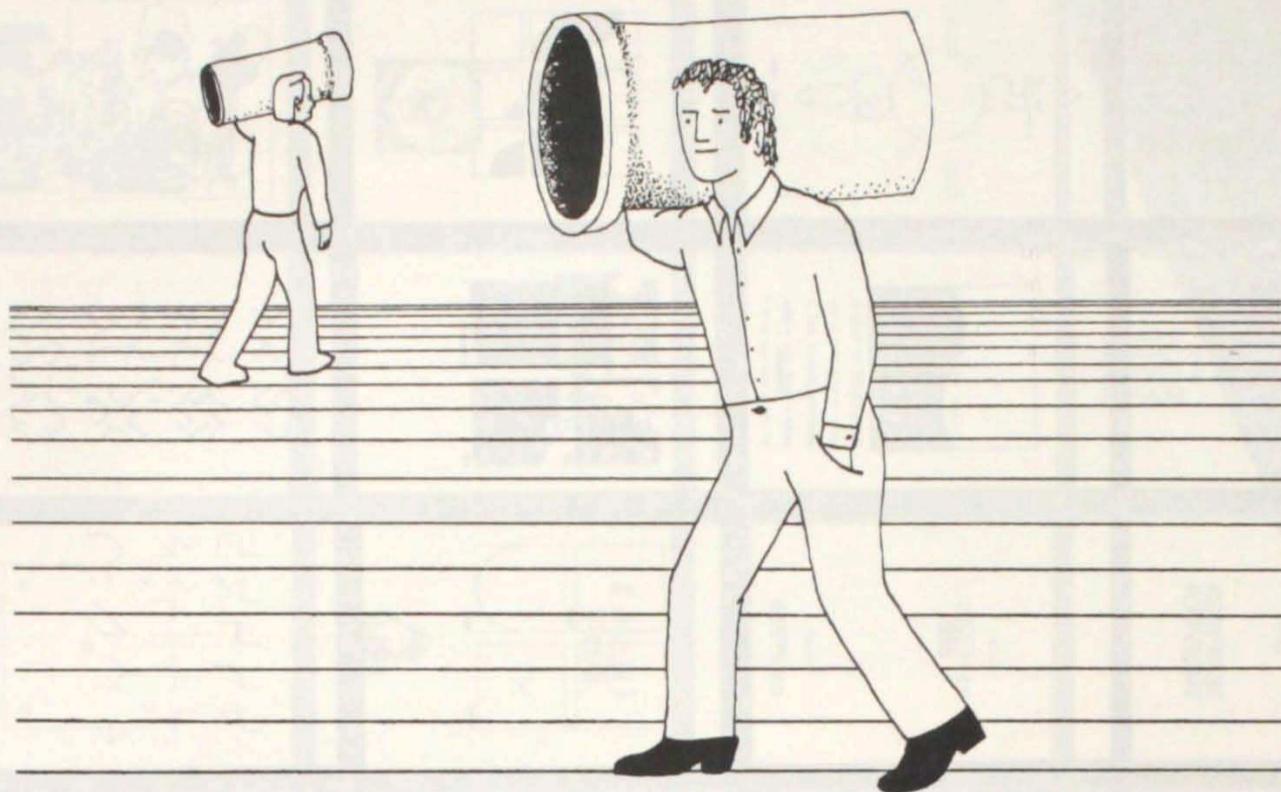
Marquito

Marcos Rodrigues Malta – Marquito
Estudante de Educação Artística da
UDESC
Florianópolis



CADA LOUCO COM SUA MANILHA

Carpefi &
MARCUS MENDRA



Rogério
Otto

FRUSTRECA

Olha a todos com desprezo. Riem-se dele, quando passa. Na sua nobreza, ele excomunga, amaldiçoa, xinga...

É um homem idoso, alto e magro; de nariz adunco e olhar, ora fulminante, ora dócil — quando o alvo é um rapazote que não o molesta.

— Frustrecal — Chamam-no assim, por ser pobre, velho e homossexual.

Frustreca anda, por todo o dia, pelas ruas da cidade, carregando o que acha; normalmente, caixas de papelão.

Suas roupas, surradas, formam grande contraste de estilo e gênero: calças marron; colete de tricô, sujo; camisas brancas... os sapatos, achados, são femininos; uma boina, semelhante a dos Bispos da Igreja Católica e um cachecol com franjas nas pontas, alcançando os joelhos.

Frustreca vive num galpão de um falido posto de gasolina — seu castelo.

Come o que lhe dão, ou o que cata nas lixeiras.

Vemos um velho indigente, sem esperanças!

No seu Mundo, Frustreca é feliz. Das muralhas do palácio aponta canhões a quem quer que seja... só uma pessoa terá acesso ao pátio onde se esconde a princesa.

Sua espera: Frustreca vigia, das torres, os campos; donde surgirá, montado num fogoso corcel branco, um príncipe encantado, que lhe encantarà e tirará o encanto da bruxa Sociedade, aliada ao mago Destino.

— Hoje, não virá mais!

Frustreca, então, dança entre as colunas; canta todas as melodias que conhece — na sua maioria, tangos e Salmos de Igreja.

— Ele virá!

Senta no seu trono (caixote de sabão).

Serve-se do lauto jantar (cascas de pão, frutas estagnadas, sobras de outras mesas...).

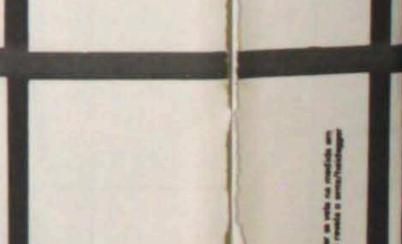
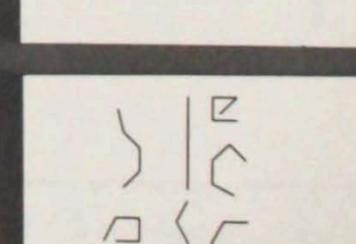
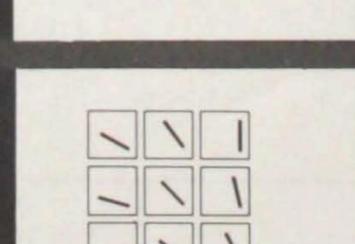
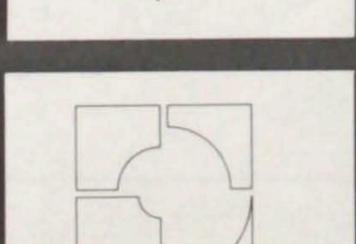
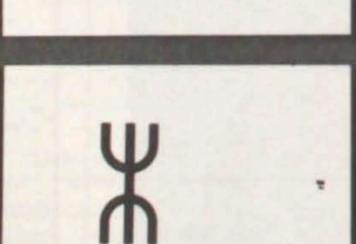
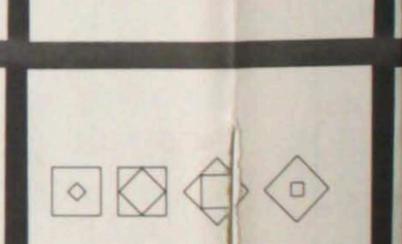
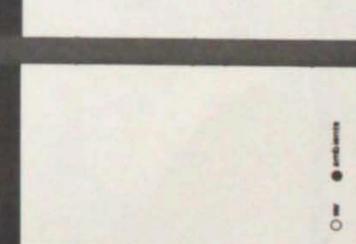
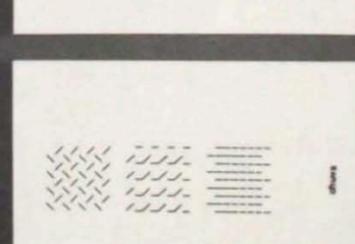
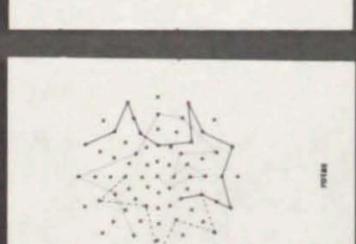
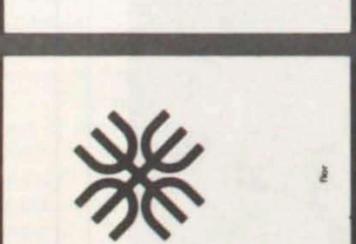
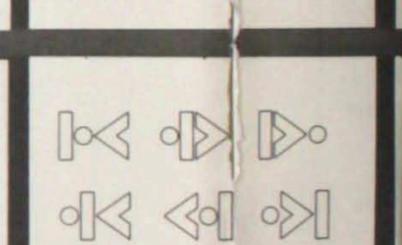
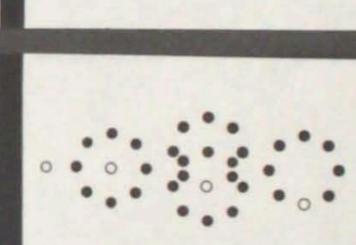
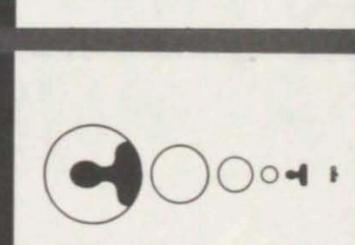
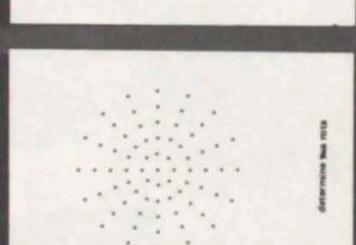
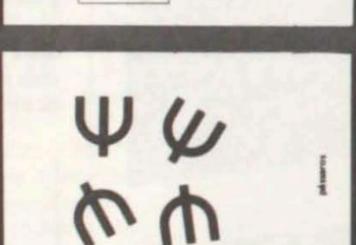
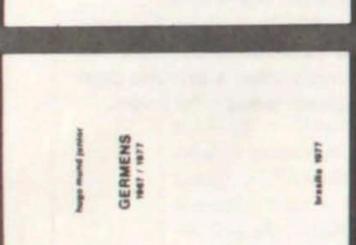
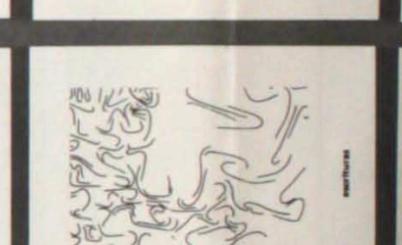
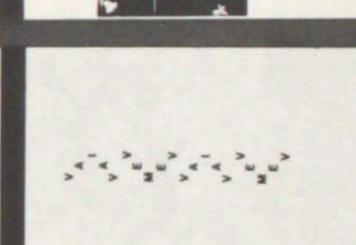
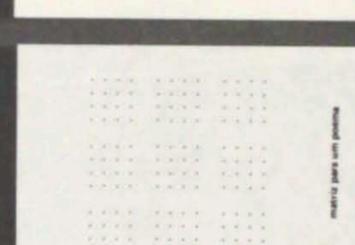
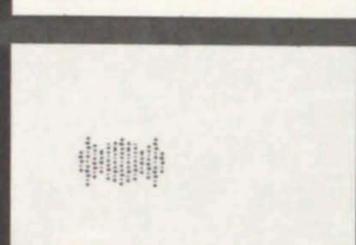
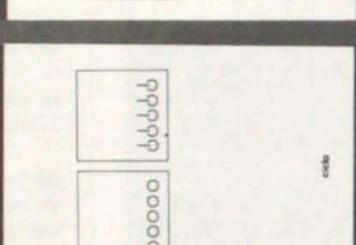
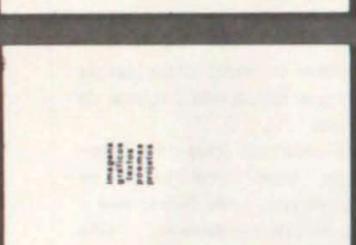
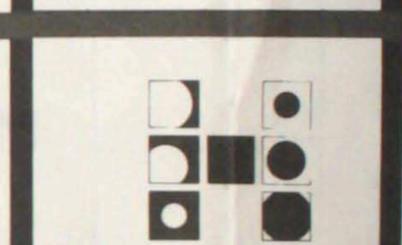
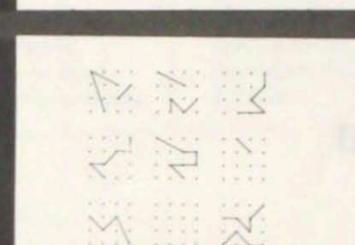
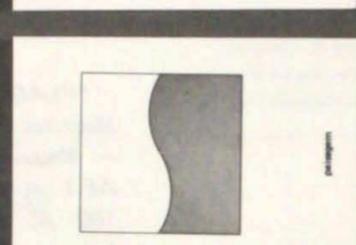
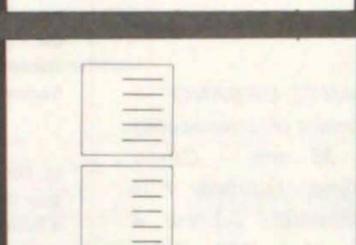
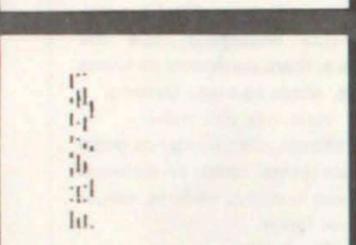
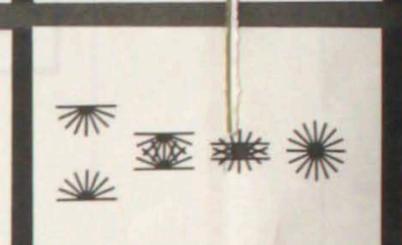
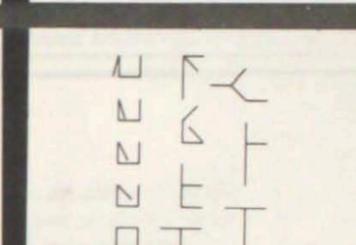
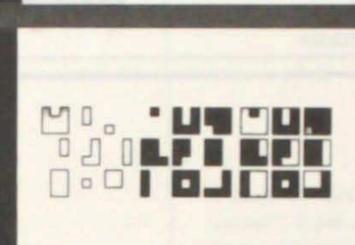
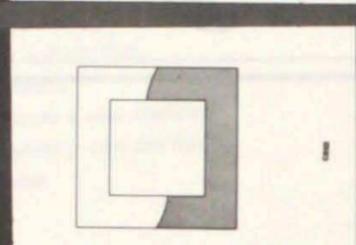
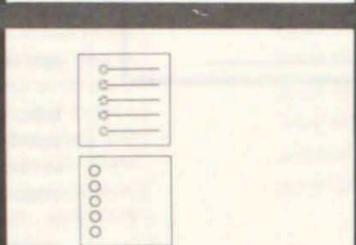
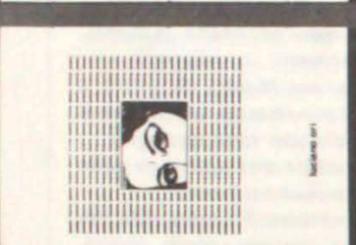
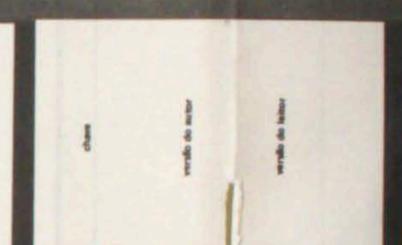
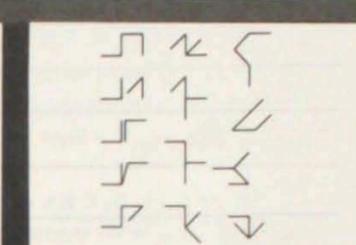
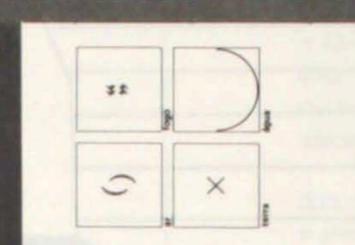
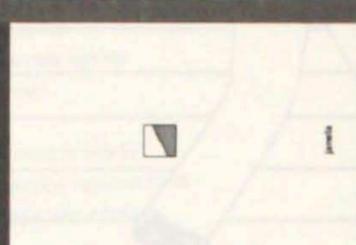
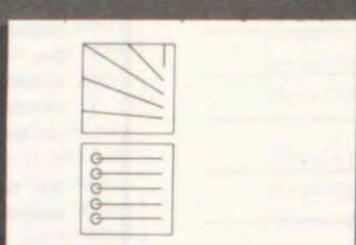
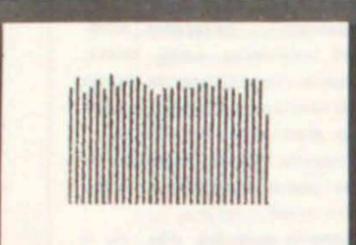
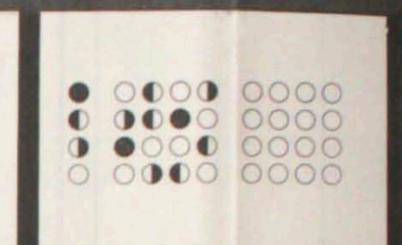
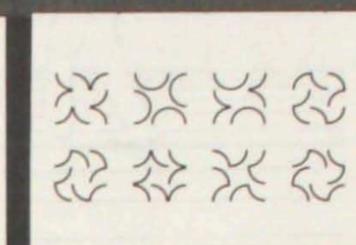
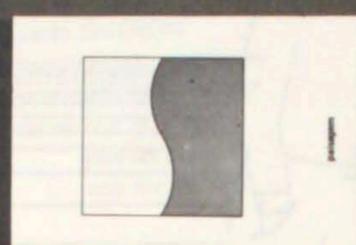
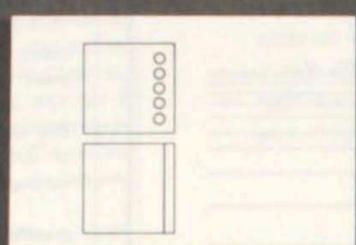
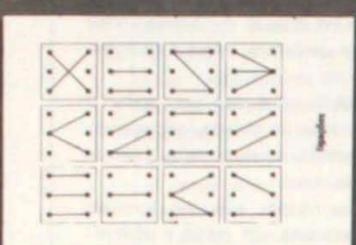
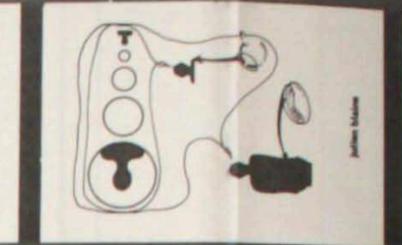
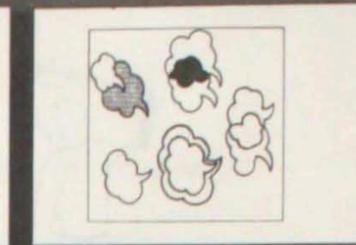
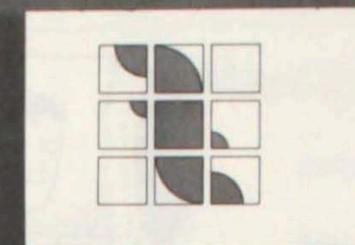
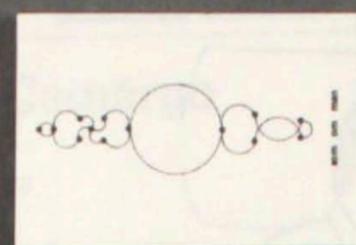
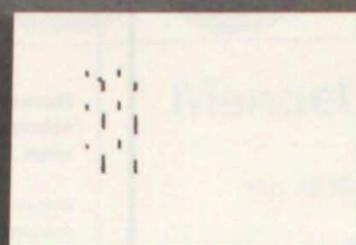
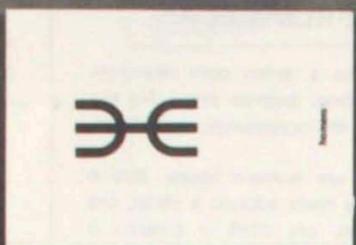
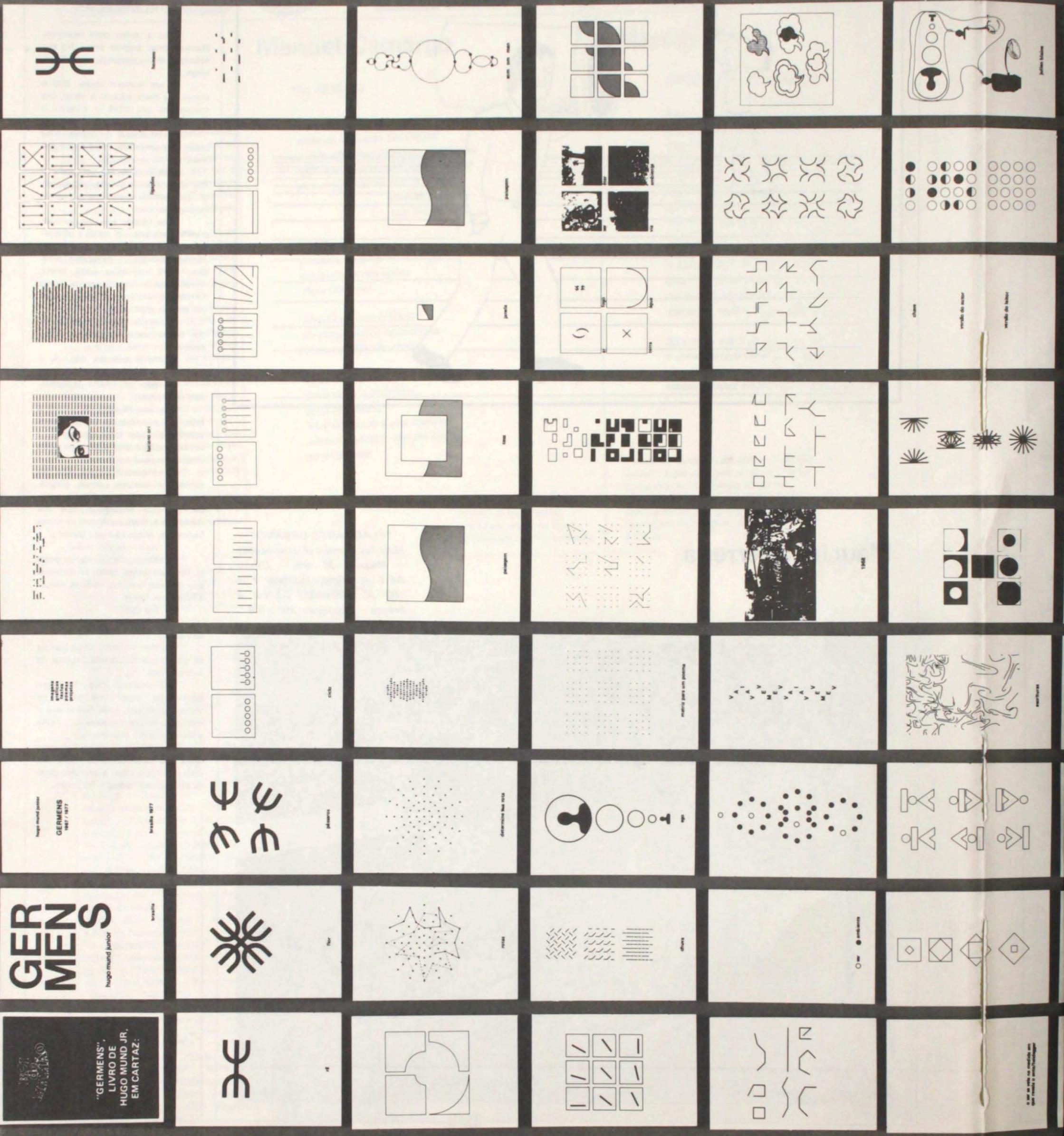
Vai para seus aposentos (compartimento, com uma janela de vidraça quebrada, onde funcionava o escritório do posto); deita-se... olha o forro imundo. Não tem luz.

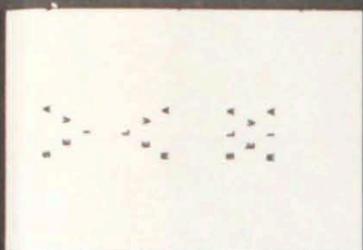
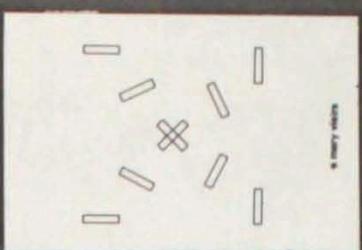
No silêncio da noite, Frustreca desce aos calabouços. Lá, num dos mais escuros porões, a princesa guarda um segredo: também foi jovem.

Maurício Ferreira

“FLAGRANTE URBANO” —
Maurício Ferreira (Florianópolis)
— Máquina 35 mm — Canon
AE.1 — Filme: Fujicolor F.II
100 A, convertido p/preto e
branco — Exposição: 250 x 5,6







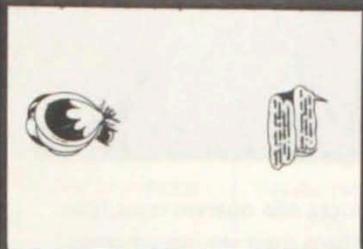
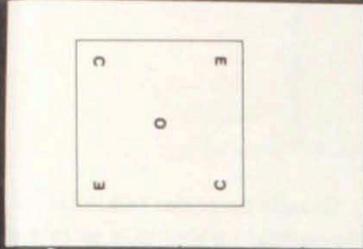
14 - 14, no pinto está de pé e
 busca a cabeça leve, a vida
 descontraindo suas e
 mãos curvadas em arco. O sol
 QUER POLEM AS ANGLAD
 LEVANTOU-SE. E
 lá no canto lá do céu, lá no
 lá, a massa de lírios, que canto
Arquiteto, autor e gravador.



HUGO MUND JUNIOR

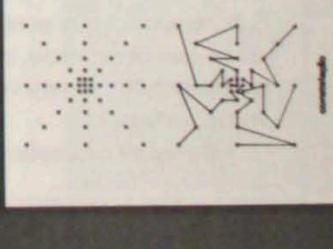
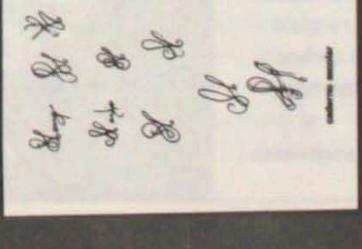
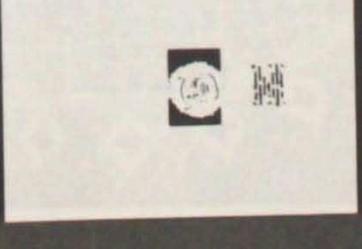
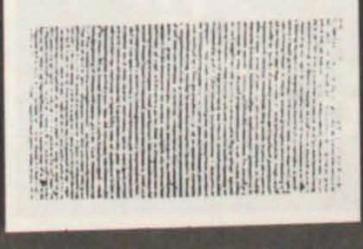
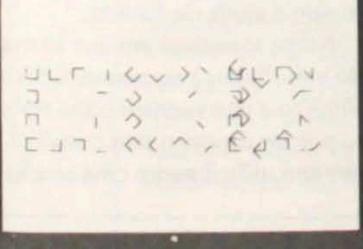
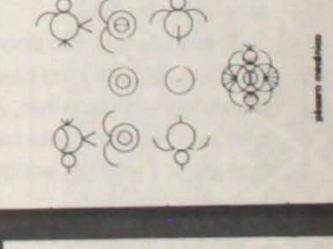
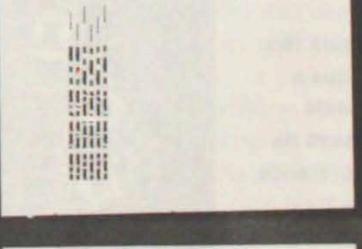
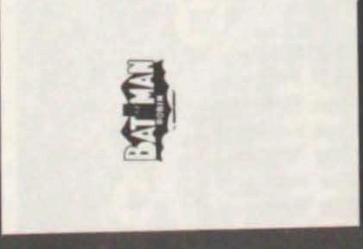
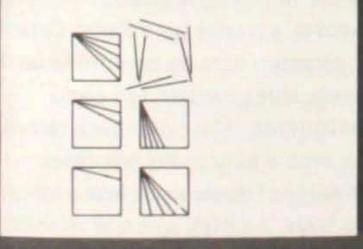
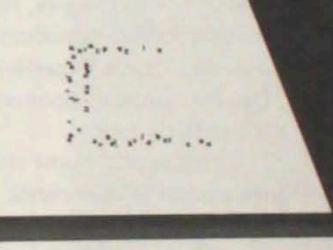
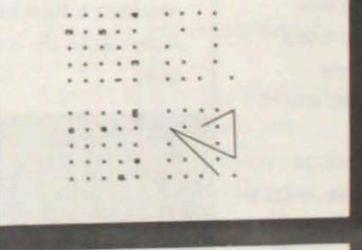
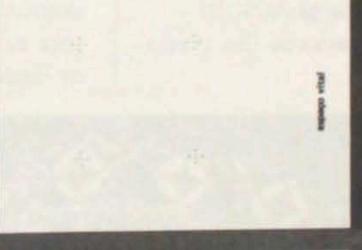
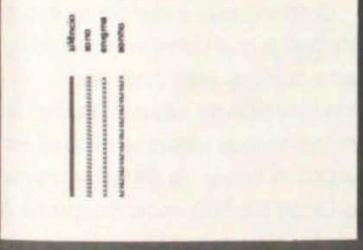
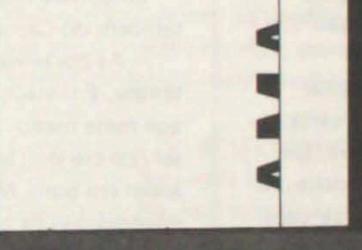
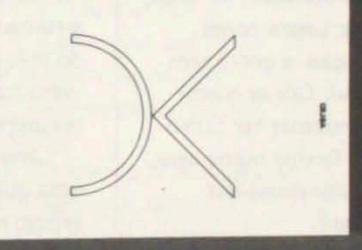
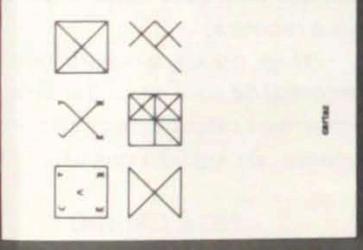
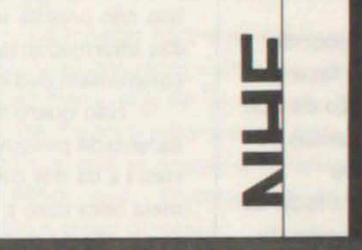
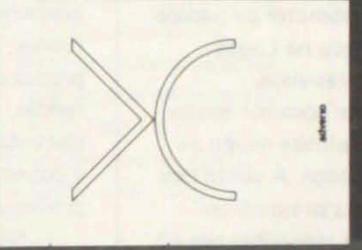
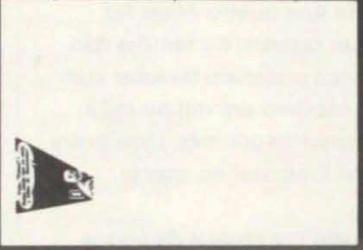
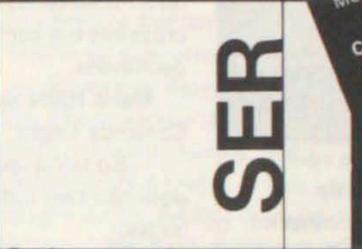
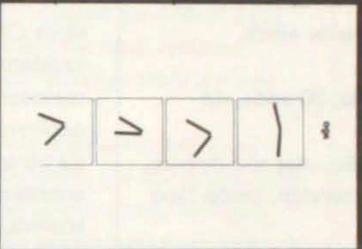
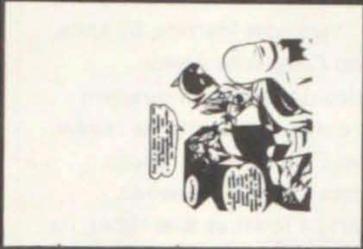
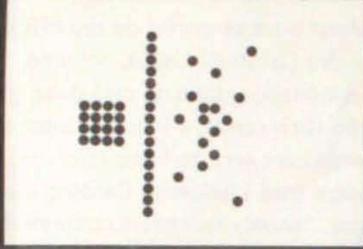
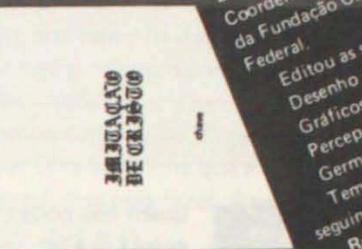
Artista plástico e professor, nascido em Mafra, Santa Catarina. Participante do Grupo Sul, Florianópolis, no período de 1949 a 1957. Em 1958, integrou o Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis (GAPF), como membro fundador. Estudou pintura na Escola Nacional de Belas Artes e gravura com Oswaldo Goeldi, no Rio de Janeiro. De 1962 a 1968, foi professor da Universidade de Brasília e, mais tarde (1971 - 1976), assessor de Arte do Departamento de Documentação e Divulgação do MEC. Coordenou o Centro de Criatividade da Fundação Cultural do Distrito Federal.

Editou as seguintes obras:
 Desenho de Observação/1968
 Gráficos/1968
 Percepção/1969
 Germens/1977
 Tem trabalhos incluídos nas seguintes publicações:
 Revista TLALOC, n.º 22, Cavan McCarthy, Londres/1970.
 Processo, Língua, em e Comunicação, Wladimir Dias Pino, 1971.
 Poesia Vive en el Mundo, Guillermo Deisler, Chile, 1972.
 Poetas do Modernismo, Leodegário A. de Azevedo, vol. 6, INL, 1972.



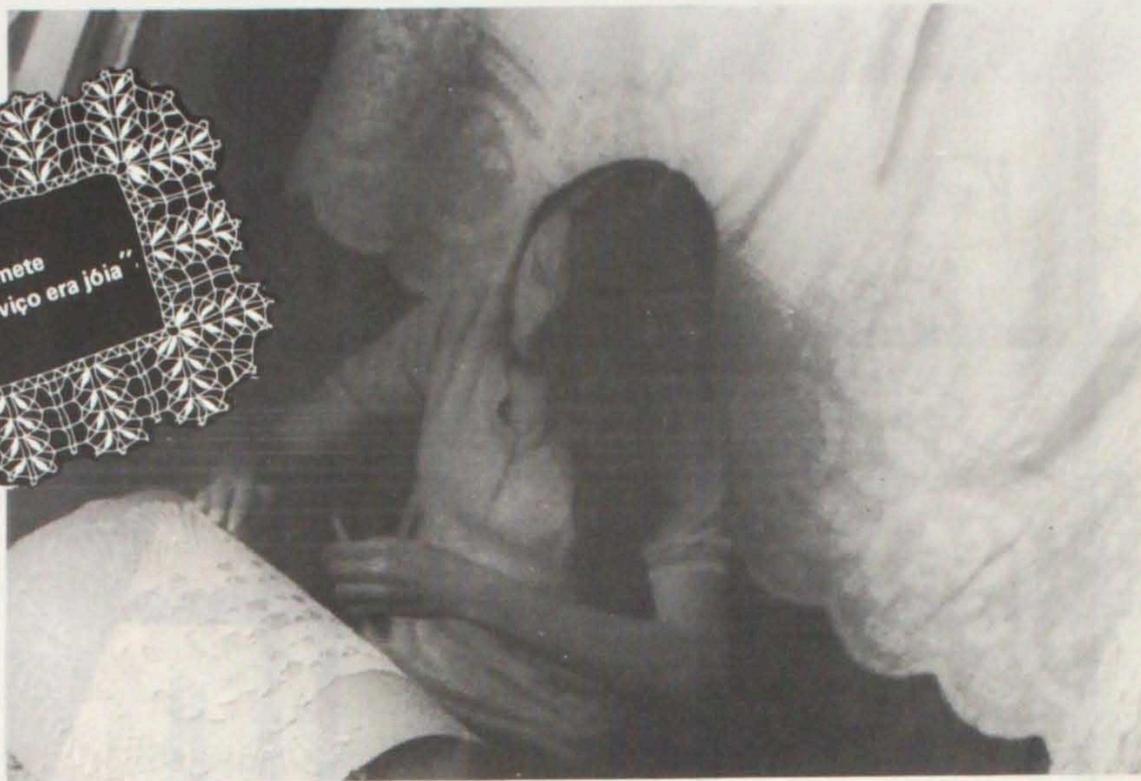
REFLEXO
 quatro

REFLEXO
 quatro





"Fazer renda dói as costas que mete medo. Se pudesse ter outro serviço era jóia"



Fernanda Telles.

Reportagem de Bel Regis.



Legamento Boracão

— É horrível ficar trancada aqui, obrigada a fazer renda. Eu gosto mesmo é de ficar na praia pra olhar os surfistas. E o que vai adiantar fazer renda quando eu casar?

Zeneide, 15 anos, não esconde de ninguém que não gosta de fazer a famosa renda de bilro, tradição de 500 anos, e uma das atrações turísticas de Florianópolis. No mês passado entrevistada por uma emissora local de TV, Zeneide, na barraca de rendas de sua mãe, na Lagoa da Conceição, confirmou que não gosta do seu trabalho.

A afirmação parece espantosa, mas apenas desmistifica uma certa apologia romântica do folclore. De novo, nesta afirmação da rendeira, há apenas o surfista. 10 anos atrás, uma estagiária de Serviço Social, Tania Haberbeck de Oliveira, registrava uma declaração semelhante em seu trabalho, "Uma Experiência de Desenvolvimento Comunitário em Ribeirão da Ilha":

"Perguntado a uma senhora de mais posse se fazia renda, disse — fazer eu sei, pois quem é do Ribeirão tem que saber, mas não faço porque não preciso mais disso".

Prevendo que não encontrará tão cedo um surfista para casar, que a desobrigue de trabalhar, Zeneide concluiu recentemente um curso de manicure, profissão em que pretende trabalhar agora.

Onilda Cardoso, 52 anos, tem uma barraca de vendas de renda na Lagoa. É do tempo em que se fazia renda à luz de querosene. Hoje, com a vista estragada, não faz mais rendas, só vende, e afirma:

— A renda é uma coisa que somente

quem não pode trabalhar em outra coisa é que faz. Uma toalha destas, leva dois meses de trabalho, cobramos 800 cruzeiros e o comprador ainda pechincha.

Maria Hilda Sousa, 30 anos, do Canto da Lagoa:

— Eu tinha lavação, mas sou doente, aqui não tem outro serviço, então faço só isso.

Ela trabalha com linha própria, por isso não precisa se submeter ao pedido das intermediárias, que na Lagoa costumam pedir cores vivas.

— Não quero fazer com cor muito espantada porque maltrata muito as vistas e dá dor de cabeça. A gente fica meia hora com a vista presa ali em cima, não pode fazer sem olhar pra ali.

Lindonara Miguel Cardoso, 37 anos, também do Canto da Lagoa conta:

— As horas vagas que a gente tem tempo, é sentada aqui. Dói as costas que mete medo. Se pudesse ter outro serviço era jóia: fazer faxina numa casa, assim era bom. Mas por causa das crianças não dá pra sair.

Odila Moreira Costa, 35 anos, rendeira e funcionária da ASSORI — Associação de Rendeiras da Ilha afirma que:

— As moças não querem mais fazer renda. Ganham mais em um emprego.

O exemplo da presidente da Assori, dona Olga Prachedes Martins, 52 anos, residente no Campeche é bem característico da tendência que vem ocorrendo com o artesanato de rendas de bilros em Florianópolis. Como acontece com todas as rendeiras, ensinou a arte a todas as suas filhas, na idade de 7 anos. Entretanto, hoje nenhuma de suas quatro filhas faz rendas. Duas casaram e a família não precisa do que poderiam levantar com rendas, no máximo um mil ou mil e duzentos cruzeiros por mês. Uma outra é copeira na Eletrosul e a quarta, professora.

— Ninguém faz porque dá pouco. As moças querem estar na janela, não arrumam tempo. Então chega no fim do mês e não tem nada. A gente que é velha faz tudo correndo e arruma um tempinho, já senta na renda.

Uma rendeira nunca consegue fazer uma quantia correspondente a um salário-mínimo em um mês. A renda é feita nas horas de folga do serviço doméstico. Quem não tem crianças para cuidar prefere trabalhar no setor de limpeza, no centro.

Grande parte das rendeiras não só não gosta do trabalho, e só se dedica a ele por não ter outra alternativa, como chega a ter vergonha de seu ofício.

No Canto da Lagoa, em uma residência, a dona da casa disse que não fazia renda, e indicou outra casa, onde com certeza havia rendeira. Nesta outra casa Lindonara Cardoso disse que, "aquela senhora é rendeira sim. É que aqui neste reduto tudo faz renda. Mas a gente não gosta de dizer que o nosso serviço é fazer isso. É chato dizer que é rendeira".

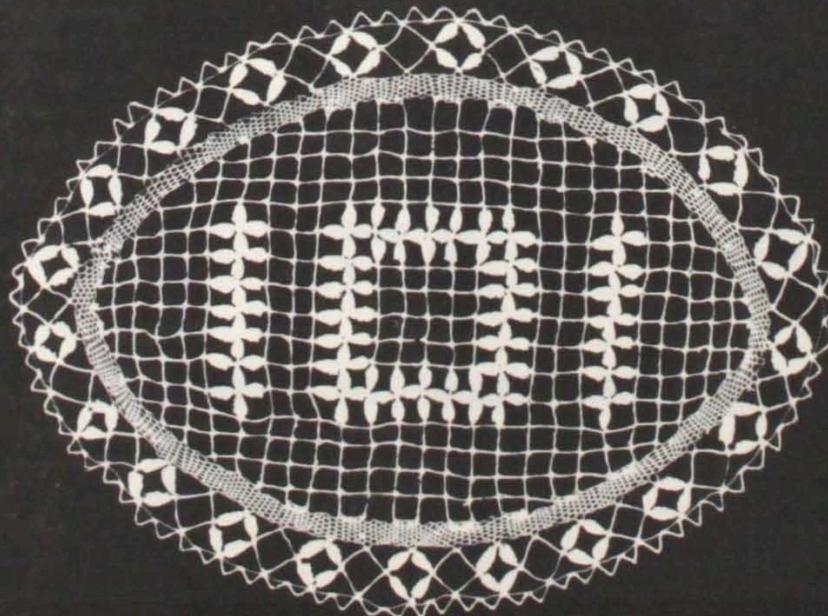
Na Assori, Isabel, rendeira, funcionária da Associação, conta que uma amiga sua quando vai trabalhar em casa de colega, carrega a almofada de fazer rendas dentro de um balaio, para que no trajeto ninguém perceba que é rendeira.

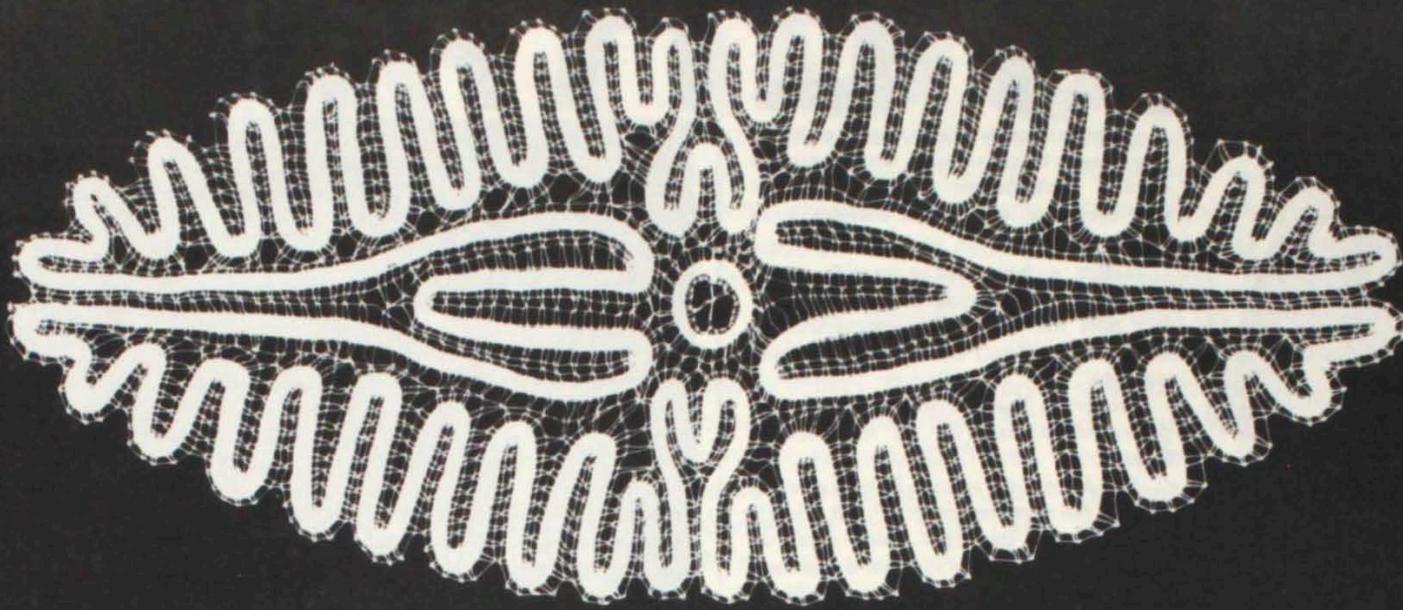
— Hoje, diz ela, a maioria tem vergonha. Se você encontrar uma rendeira na cidade e perguntar — tu és rendeira, ela logo diz que não.

ESTÁ CAINDO

O artesanato é um complexo de atividades que tem sua explicação numa certa cultura. Não pode ser desvinculado de hábitos, costumes, estilos de vida vigentes na área em que surgiu. A renda de bilros se manteve ao longo de 500 anos. Surgiu na Itália, dali foi transmitida para Portugal, deste país para as ilhas de Madeira e Açores, e destas para Santa Catarina. É característica de comunidades de pesca, que guardam um certo isolamento. Mas hoje que a televisão, o turismo e as grandes empresas pesqueiras quebraram esta economia fechada, é difícil que o artesanato se mantenha sem organização das artesãs ou sem a ajuda do Estado.

Numa sociedade em que as pessoas são valorizadas pela quantidade de dinheiro a que vendem o seu trabalho, ou por ter dinheiro sem trabalho nenhum, dificilmente uma rendeira vai





falar com orgulho do ofício em que trabalha 12 horas para fazer um lenço, que será vendido a 60 cruzeiros. Ou uma toalha em que trabalha dois meses e vender por 800 cruzeiros.

A rendeira dificilmente vai se manter no ofício se tiver oportunidade de trabalho a preço mais alto, mesmo que seja o salário-mínimo.

A ASSORI começou a funcionar em 1969 com cerca de 350 associadas, e conta hoje com 120. Segundo a presidente, dona Olga, porque as rendeiras arranjaram outro serviço. O volume de rendas da Associação diminuiu ano a ano. Neste ano, em janeiro, mês que mais vende, cume da temporada de verão, o movimento de vendas foi de 35 mil cruzeiros. Nos demais meses de verão, 20 mil, e durante o resto do ano não chega nem perto disso. Em anos anteriores entre setembro e o fim do ano, a Assori já teve que fechar por falta de capital para comprar rendas de suas associadas.

Se pelo baixo preço a que é colocada a renda, ela nunca é uma atividade lucrativa, por outro, o mercado oferecido pelo turismo descaracteriza a atividade. A rendeira aderiu à regra básica da nossa sociedade, de empregar menos tempo de trabalho e colocar mais produtos à venda. Para isso a artesã passou a usar linha mais grossa, reduziu os bicos, faz rendas mais abertas, abandonou os pontos mais trabalhosos, comprou linha de qualidade inferior, abandonou as peças maiores, improvisou piques mais simples.

A ASSORI, organizada pelo Grupo de Estudos e Promoção do Artesanato Sul, entidade que reuniu 13 profissionais de classe média, definiu como uma de suas principais metas a preservação da tradição, como faziam na Idade Média as corporações de ofício. As candidatas ao associarem-se devem submeter a qualidade de sua renda à apreciação; são passíveis de demissão caso não mantenham a qualidade exigida; usam sobretudo a linha branca, fina, de boa qualidade; recuperaram os piques antigos, os tipos mais miúdos. Fazem as rendas Peixinho e Boca de Sino, que as outras rendeiras não fazem mais. Fazem

jogo completo de Oval de Tira, cuja peça maior as rendeiras geralmente se recusavam a fazer. Tentam conscientizar a associada a fazer com maior perfeição, trabalhos mais elaborados para obter melhor preço.

Mas, como reconhece Isabel, funcionária da Assori, "muitas modificam o modelo para fazer mais depressa. Quem faz bem feitinho não consegue terminar nada em um mês".

Se a Assori, enquanto sobrevive mantém a tradição, porém diminuindo seu movimento ano a ano, na Lagoa da Conceição, região mais movimentada pelo turismo, tem maior movimento comercial de rendas, sem que as rendeiras se apeguem à qualidade do trabalho. Os dois grupos de rendeiras — as associadas da Assori e as proprietárias de barracas de venda na Lagoa — chegam a ter uma concorrência.

Cada barraca faz uma média de 5 mil cruzeiros por mês durante a temporada. A Assori, que pretende reunir todas as rendeiras da Ilha, com suas 120 associadas faz 30 mil no mês de janeiro.

Na Lagoa, entretanto, o movimento não chega a beneficiar a todas igualmente. Ali fica mais evidente o que ocorre em toda a Ilha quando a rendeira não comercializa sua renda pela Assori — a intermediária ganha sobre o trabalho da rendeira. A intermediária é ela própria rendeira, geralmente mais velha, sem filhos para cuidar.

Como diz uma rendeira de Ribeirão, citada por Tania Haberbeck "a intermediária tira lucro da nossa renda, mas, se não fosse ela, nós não disporíamos de tempo para fazer renda e vender na cidade. Além do mais ter-se-ia que pensar na passagem dos ônibus".

A intermediária geralmente dá a linha, mas não paga o trabalho na hora em que é entregue. Em geral, pagam apenas depois que a peça é vendida.

Lindonara, por exemplo vai a pé do Canto da Lagoa até a Praia das Areias, como chamam a Lagoa da Conceição. Leva uma hora andando.

Às vezes perde a viagem porque seu trabalho não foi vendido ou a intermediária está sem dinheiro naquele momento. Pagam 40 cruzeiros por uma toalhinha que a rendeira leva 3 dias para fazer. Revendem a 100 cruzeiros.

As intermediárias, entretanto, ainda não admitem que ganham sobre o trabalho de suas colegas:

— As amigas trazem para vender aqui, dão o preço e depois dão um recado pra gente. Outras, tão precisando de dinheiro aí elas vendem mais em conta, explica dona Onilda Cardoso. Uma dona de barraca da Lagoa.

— Eu vendo para elas, elas me dão, 20 ou 30 cruzeiros, conforme, diz dona Maria, mãe de Zeneide.

Na Assori o pagamento é feito na hora, mas as rendeiras acham que recebem pouco, embora recebam a linha a preço de custo:

— Aqui o novelo é 25 cruzeiros, no comércio 45 cruzeiros. Se vendem a renda por 5 cruzeiros a mais, pensam que estão ganhando, critica Isabel, da Assori.

Os preços da Assori são tabelados pela diretoria. Na Lagoa são pechinchados. Na Assori declaram que se aumentarem o preço a renda não é vendida.

Onilda Cardoso, intermediária da Lagoa, argumenta:

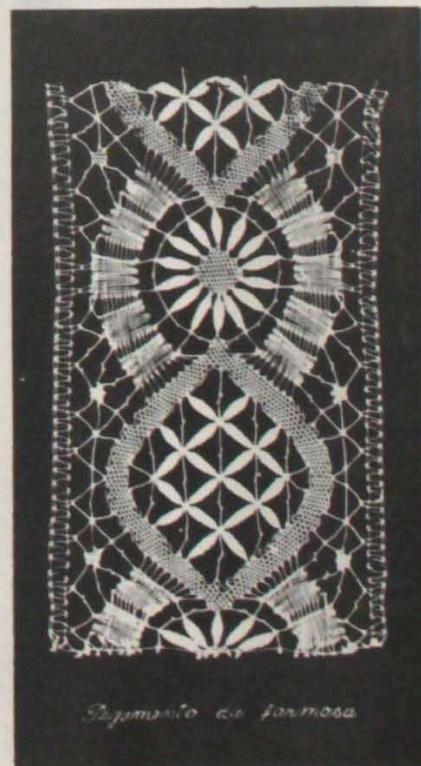
— A gente já tem que pedir bem alto e termina tirando até 100 cruzeiros porque o comprador não dá valor, está sempre achando caro. As rendeiras são tolas, não valorizam o trabalho delas mesmas. Como precisam de dinheiro, são obrigadas a vender pelo preço barato mesmo, pelo preço que quiserem pagar.

Os dois grupos disputam o comprador. As funcionárias da Assori dizem que esta associação sai prejudicada por não ter mais pontos de venda. Ali na cabeceira da Ponte Hercílio Luz é um ponto de entrada, e o turista está sempre esperando comprar mais barato mais adiante. Muitos não conhecem a qualidade da renda e terminam comprando mais caro e mercadoria de qualidade inferior.

Além disso a Assori não dá comissão para os guias turísticos. Estes dizem aos turistas que as rendas da Assori são artigo inferior e mais caras. Levam-nos a comprar na Lagoa, e ali exigem participação na venda, às vezes de até 30 por cento. Caso não recebam não levam mais turistas naquela casinha.

Em 1973 as rendeiras da Assori haviam concluído pela necessidade de postos de venda nas praias mais movimentadas: Morro das Pedras, Joaquina e Lagoa. Desde então o coordenador da Assori, Doralécio Soares, presidente da Comissão Catarinense de Folclore, vem pedindo, sucessivamente, a todos os prefeitos da Capital posto de venda na Lagoa e até hoje não foi atendido.

Doralécio, como vários associados da Assori, queixam-se da falta de apoio oficial. Até hoje receberam apenas o local de exposição das rendas e 40 mil cruzeiros da LBA para compra de linhas, 4 anos atrás. As estagiárias de Serviço Social que organizaram as rendeiras em 13 núcleos no interior da Ilha também estão afastadas e a Prefeitura não tem nenhum programa de assistência à rendeira como grupo profissional.



LITERATAS



O VERDE VALE (QUE) VALE A VIDA

— Celestino Sachet —

O título poderia ser, também, "Como era verde o meu Vale" ou, melhor, "Como meu Vale continua verde".

O Verde, o Vale e a Vida estão, todinhos, no livro Verde Vale de Urda A. Kluger (Ed. Lunardelli, 1979, 204 p.)

Sempre que um autor novo sai com seu primeiro livro, a reação dos coroaos — aqueles que escrevem ou que são donos de colunas em revistas e jornais —, a reação dos coroaos é um misto de ignorância e pouco-casismo (desculpadas as duas inovações): "quem é este cara"? "qual o assunto"? "como escreve"? "sobre o que terá escrito"? "audácia do plebeu". E por aí afora.

Quase o mesmo — desculpa, Urda — aconteceu com o Verde vale.

Quase o mesmo — desculpa, Urda — aconteceu com o Verde Vale, Mas, aí, se organizaram dois episódios estranhos. Melhor, três. De primeiro, o Lunardelli: — "Vou editar um livro que você vai ficar surpreso". Depois, a apresentação do Marcos Konder Reis. "Coragem do Marcos", pensei.

Um belo dia, melhor, uma bela noite de sábado, assumo, pra valer, a travessia do Verde Vale, E, creio que pela primeira vez em muitos livros, li o romance de uma enfiada. E entrei, de completo, na vida de Humberto Sonne, "crescido às margens do Reno" (p. 13) e de sua mulher Eileen, a jovencinha da alta burguesia, "tão meiga, frágil e linda" (p. 15) desde as margens do Reno às terras "verde-que-te-queiro-verde" do verde vale do Itajaí.

As primeiras 20 páginas do romance servem de suporte para preparar a entrada de Humberto e sua mulher na Terra Prometida, no Novo Paraíso do outro lado do Mundo. E é, justamente, com os olhos voltados para as primeiras páginas do Gênesis que se pode — ou se deveria? — proceder à leitura central do romance de Urda A. Kluger.

"Foi quase religioso aquele primeiro plantar" (p. 52), como foi profundamente sagrada a concepção do primeiro filho — a que deram o nome de Reno, o rio de lá e o rio de cá — "em perfeita harmonia com o silêncio da tarde de sol" (p. 27) bem como a caminhada para as terras — Vale adentro — que a família iria ocupar (p. 32).

Instalados em pleno Verde da Floresta do novo Paraíso, aparentemente, o romance toma um caráter de levantamento social ou de adaptação de uma família européia com a Realidade selvagem da América. E, aí vêm os tempos duros da adaptação, do contacto com os vizinhos, da criação do gado (nem por nada, a primeira vaca levará o nome de "Alpina" (p. 55). Depois, a vida vai se ecoando com a chegada de mais filhos, com a chegada dos índios, com a construção da casa de enxaimel, com as caçadas, com a Escola, com a Igreja, com a Sociedade de Atiradores, com a Sociedade Cultural, com a integração ou com a segregação racial, com a Guerra, com o Comércio, com a Indústria, com o Desastre e com a Esperança de sempre.

"Aparentemente", essas coisas acontecem. Acompanha todo o romance uma atmosfera daquela profundidade e daquele Mistério que encobrem as grandes decisões e os grandes destinos.

Talvez, a chave para se mergulhar certo no romance esteja na página 201: "Blumenau é a terra das mais lindas primaveras do mundo e possui (...) um rio para ser temido e amado".

Primavera, Poesia e Mistério são as três palavras-chave da Vida de Humberto e Eileen.

Por dezenas de vezes a Primavera entra na vida dos personagens (p. 17, 20, 53, 57, 97, 112) para transmitir aquele sopro de Vida que tem algo que ver com o Cosmos e com a Divindade. Quase no final do livro, quando os desastres se aproximam, "dia a dia, semana a semana, o tempo passou e veio o outono" (p. 190).

Um ar de Poesia e Mistério atravessa as 200 páginas do romance e os 50 anos de vida ali descritos. Mistério e Poesia que se repetirão pela Vida afora, através das novas gerações. Reno (o filho) e Elzira sentem "o amor muito forte na magia da tarde, despertando um instinto que desconheciam" (p. 179) repetindo o mesmo gesto de amor do jovem casal de imigrantes, quatorze ou quinze anos antes (p. 27). E é por isto que o Cosmos, a Natureza e o Homem se integram em um todo, naquele Todo dos primeiros tempos em que Mito e Realidade são a própria História. Quando Elzira passa pela grande provação da Mulher ("entre dores darás a luz") "lá fora o terral gemia nos beirais do telhado e o céu estava coberto de estrelas tão grandes e cintilantes que parecia ser possível alcançá-las com a mão".

Na terra onde se colhe o mel (p. 36), os grandes momentos da Vida se realizam ao lado das águas do Rio. Não é a imagem de um novo Paraíso? E um Paraíso que tem tudo para ser Eterno!

Mas, se maçãs não há para desobedecer, pecar e ser expulso, o grande Inimigo do Homem e da Mulher é o Tempo. O Tempo que está presente em cada página, em cada momento da Vida. "E a vida continua" e "o tempo vai passando" são expressões tão presentes e tão verdadeiras quanto os próprios personagens. E com o Tempo a correr, como que desejando destruir o Paraíso do Verde Vale — sempre Verde, sempre Vale, sempre Paraíso, ainda hoje — para acompanhar a corrida do Tempo, a linguagem da Autora, mais evocação dos personagens do que narrativa do romance, a linguagem de Verde Vale se veste daquele tom bíblico com que se escreve o grande romance da Vida.

Celestino Sachet — crítico de literatura; professor de Literatura Brasileira da UFSC. Autor de "A Literatura de Santa Catarina", Editora Lunardelli, 1979.



O GRUPO "GRALHA AZUL" EM BUSCA DE UM TEATRO POPULAR

— Vera Collaço —

Lages vive no momento uma experiência de busca de um teatro popular, através do Grupo Gralha Azule do "Projeto Lageano de Popularização do Teatro". O que vem a ser este projeto? A proposta é fazer um teatro voltado para os problemas da própria região, de acordo com a realidade local, despojado de grandes cenários e figurinos, de modo a tornar possível a apresentação de espetáculos nas ruas e praças, nos bairros e distritos, procurando atingir um público amplo e até então não motivado para esse gênero de arte.

Com esse objetivo foi criado o Grupo Gralha Azul, em março de 1978, formado por seis elementos. O método de trabalho é o da criação coletiva, aproveitando a cultura regional, montando os trabalhos em cima de lendas do folclore lageano. No último espetáculo realizado este ano, a temática transendeu para problemas ecológicos, tais como: a poluição dos rios, a destruição das áreas verdes.

A criação coletiva do texto é uma constante do grupo. Através de improvisações, em torno de uma idéia, elaborase o texto final, e o equilíbrio cênico é conseguido através do trabalho conjunto. A utilização de fantoches, que atuam em conjunto com atores, enriquece o trabalho, tornando-o acessível ao público não acostumado ao teatro.

Vera Collaço integra o setor de teatro da Unidade de Artes da Fundação Catarinense de Cultura.

Os espetáculos montados pelo Gralha Azul, de 1978 até hoje:

"UM POUCO DE TUDO" — sua primeira experiência;

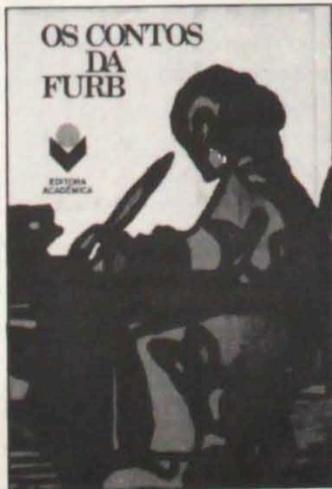
"LAGES LALÁ, LAGES GEGE" — apresentado no IV Seminário de Dramaturgia infantil, em Curitiba. Montado a partir de lendas regionais.

"NO PLANALTO SUL TROPICAL DO SOL" — apresentado no VII Festival Brasileiro de Teatro de Bonecos, em Ouro Preto.

"E AGORA?" — Utiliza o ator e o fantoche em cenas de pantomima de grande efeito cômico. Um roteiro básico orienta o espetáculo, deixando margem para uma série de improvisações do ator no decorrer do espetáculo.

"E A GRALHA FALOU" — É seu mais recente trabalho. Melhor elaborado e visualmente bem mais acabado, demonstra o amadurecimento do Grupo nesses dois anos de atividade. E um espetáculo num tom de denúncia do desmatamento, da destruição e da ganância dos homens no planalto catarinense. Misturando atores e bonecos, o Gralha Azul consegue com este espetáculo chegar ao nível das boas apresentações profissionais.

O Grupo Gralha Azul, sem dúvida, inova o teatro catarinense. É uma diretriz, um caminho a ser estudado.



"OS CONTOS DA FURB" — Editora Acadêmica — Blumenau, 1979 — 148 pp. — Cr\$ 120,00.

Uma seleção dos melhores trabalhos premiados no concurso estadual de contos da Fundação Educacional da Região de Blumenau, no período de 1975 a 1978. Cada trabalho é ilustrado por um artista plástico catarinense.



"ARMADURA, ESPADA, CAVALO E FÉ" — Cleber Teixeira — Editora NOA NOA — Capa de Jayro Schmidt — Cr\$ 200,00 — Florianópolis, 1979.

Bela edição artesanal da NOA NOA, que apresenta vinte e um poemas de Cleber Teixeira, poeta de grande sensibilidade e contenção. "Esquecer é uma arte/ que não domino", diz o poeta, e o livro é uma moderníssima canção de gesta em que a armadura, a lâmina, o cavalo, a fé, o amor, a dor e o canto de guerra prenunciam a continuidade da vida.

"FORÇA BRUTA" é o título do livro de estreia de Herculano Farias Júnior, lançado no início deste ano pela Editora Movimento, de Porto Alegre, RS. Apesar de ser este seu primeiro livro de contos impresso, Herculano poderia já ter estreado há muito tempo, pois originais seus, tais como "Primeiros Contos" e "Contos de Bernúncia", mereceram, respectivamente, menção honrosa no prêmio José Lins do Rego, de José Olympio e o prêmio Othon Gama D'Épa, da Academia Catarinense de Letras.

Nascido em Campos Novos, Santa Catarina, Herculano Farias Júnior tem prontas a novela "Travessia" e a peça de teatro "Três maneiras de enfrentar a fera". Já publicou trabalhos nas antologias "Panorama do Conto Catarinense" (Editora Movimento / MEC) e "Assim Escrevem os Catarinenses" (Editora Alfa Ômega, São Paulo), além de colaborações nos principais suplementos e revistas literários do país.

Em introdução ao "Força Bruta", escreve o crítico Mariano Soares: "Seus temas rastream o que existe de mais importante nas relações humanas; buscam mostrar o quanto as aparências simulam um caudal de violência, que de repente vem à tona, ou que implode para deixar o homem amargurado e consciente dos seus limites humanos. Seus livros constituem uma crônica dos pequenos assassinatos diários que todos cometemos".

"FORÇA BRUTA" pode ser encontrado nas livrarias de Florianópolis, ao preço de Cr\$ 50,00.

HERCULANO FARIAS JÚNIOR FORÇA BRUTA

ROSAS

dela, uma mulher bonita, morando numa casa tão grande, tão sozinha, parecia mesmo que tinha morrido junto com o marido. E lá se iam três anos de tragédia. Aquela casa, no centro do terreno, o jardim na frente, o quintal com a horta por detrás, parecia habitada por coisas de memórias e lembranças e não mais por gente. Não se recebia visitas. Aquele portão de ferro via passar apenas duas moradoras, ela Míni e sua patroa D. Aurora. Na frente da casa, o roseiral crescia cada dia mais exuberante. D. Aurora espantava-se com a cor das rosas. Que é isso, Míni, que nunca vi rosas tão vivas e vermelhas. Míni baixava a cabeça e não dizia nada, mas de vez em quando respondia, tímida e vagamente como se não fosse com ela a conversa. Sim, D. Aurora, são bem vermelhas. Deve ser o estrume. As rosas tinham um brilho de sangue envernizado. Míni sabia que ali estavam seus filhos — como se referia aos fetos que enterrara e vinha enterrando ao longo daqueles quatro anos de amor com o cabo Romualdo. São meus filhos, dizia para si mesma. D. Aurora não se conformava. É estranho, pois nunca vi rosas, essas mesmas rosas, antes, com essa luz, esse vermelho tão vivo, sei lá, chega a parecer gente. De fato, as rosas quase falavam, bonitas que eram. Não eram jamais colhidas, pois uma rosa deve ser vista em seu pé, defendia D. Aurora, correndo o jardim num passo de dança, pondo no corpo uma delicadeza de movimentos como o que imaginava terem as suas vagas plantas. Vagas porque as olhava com certa distância, não lhes sabendo os nomes mas querendo-as um bem enorme, tal se fossem pedaços de sua história de vida. Algumas lembravam-na de tais ou quais dias em que saíra junto com o falecido, em

longos passeios pelos campos, outra vinha de lugares em que seu corpo tivera o agasalho do homem, ainda outra dizia-lhe de férias passadas em terras distantes, à beira de lagos, nas montanhas de Minas e nas cidadezinhas barrocas do interior em que se deleitavam em passeios junto aos velhos jardins, as fontes, o casario colonial. Em nenhum tempo vira, contudo, flores tão vivas e agressivas quanto aquelas rosas de seu jardim. Parecia não tê-las trazido de nenhum lugar. Eram coisas de Míni, com certeza. E lá estavam, mais belas e agressivas do que nunca, era como se sorrissem de exuberante juventude, atirando na sua cara uma inquietação, um esplendor, um viço, que bem sabia já não possuir. Olhando-as, sentia-se profundamente infeliz. Mal conseguia reprimir um grito: "Míni", chamou, "arranque estas rosas. Não as quero mais no meu jardim. Vamos, agora, antes que eu enlouqueça". Míni olhava a patroa e via-lhe nos olhos rasos de lágrimas uma enorme mancha de dor. Naquele momento, não resistiu, tudo era demais para ela, disse "são meus filhos, D. Aurora, são todos meus filhos, eu não posso cortá-los". D. Aurora ordenou, cega: "Já, eu falei. Traga a poda. Se você não quer, eu mesma darei um jeito". Minutos depois, Míni colocava nas mãos da patroa o tesourão do jardim. D. Aurora encheu-se de músculos e forças e com ódio que Míni não concebeu naquele rosto passivo e sem vida, pôs-se a decepar as rosas, cortando-as com gana, ira, pondo nas mãos toda a força de seu corpo que parecia a cada golpe estremecer levemente. Míni cobriu o rosto com as mãos, pois no chão, ao pé de cada talo de roseira, começava a escorrer um longo e tortuoso fio de sangue.

Conto de Herculano Farias Júnior

"Veja o que me arranja", falava D. Aurora, ameaçadora, pregando sua raiva e seu despeito de mulher sozinha na cara de Míni, sua criada, sempre que esta lhe chegava, manhãzinha, mal-dormida, olheiras fundas mas cheias de um ar, um ar que nossa, de felicidade, boca sorrindo paz e calma, corpo molengo preguiçando, arredando com vagar as sombras dos afagos da nova noite de amor. Três dias por semana, Míni voltava ao amanhecer e encontrava a patroa desperta, olho pregado na porta, reclamadora e com aquele ar ferido de viúva. Às vezes tinha pena dela mas o Cabo... Como resistir aos convites de Romualdo? Chique na farda, atravessavam as ruas da Liberdade, seguiam na direção da Lapinha onde o cabo morava num apartamento pequeno mas que seria só dela, se quisesse. Não queria. Era cedo para pensar nessas coisas. Depois, o cabo viajava muito e não gostava de ficar sozinha, cuidando de uma casa vazia. Onde estava tinha o seu quarto, seu armário, suas coisas. O apartamento do cabo ficava para os seus encontros. Entendia a patroa e ia levando. Chegava a ter pena



"Morte de um Rio"
Xilogravura de Neide Campos.



PROPOSTA:

UM MUSEU DA FOTOGRAFIA EM SANTA CATARINA

Gilberto Gerlach

Há três anos, na data de 15 de setembro de 1976, era inaugurada no Center for Inter-American Relations, em Nova Iorque, uma mostra dos "Pioneer Photographers of Brazil 1840/1920". As imagens antigas do Brasil, uma crônica de nossos costumes, estreava pela primeira vez lá, e não aqui. Negligência das instituições culturais? Menosprezo pelo valor da fotografia histórica? As respostas são dispensáveis, quando hoje sabemos que a própria "invenção" da fotografia é brasileira: — quando Daguerre anunciava, em 1840, em Paris, seu método de imprimir a imagem, o padre Comte e Hércules Florence, ambos brasileiros, já manipulavam nessa técnica.

Gilberto Gerlach, que há vários anos vem realizando em Santa Catarina valioso trabalho de reconstituição e pesquisa de todo o material fotográfico de valor histórico e cultural, apresenta no artigo a seguir dados suficientes para uma proposta que se faz inadiável: a criação de um Museu da Fotografia.

A mostra do Center for Inter-American Relations, organizada pelo brasileiro Gilberto Ferrez e o norte-americano Weston Naeff, curador de gravura e fotografias do "Metropolitan Museum", foi um sucesso. "É um acontecimento da maior importância", diz o colecionador de fotografias Haskell Hoffenberg, terceiro gerador da exposição. E, dessa importância, tivemos o prazer de ver impresso um livro com 144 páginas e 114 ilustrações em sépia fulgurante. Mas este livro sobre o Brasil está escrito em inglês. Enquanto aqui somente uns poucos se interessam por nossas velhas fotos, nos Estados Unidos há um "boom" de exaltação de fotógrafos e suas obras, presentes em museus, galerias, e com cotações ascendentes no mercado de arte. Lá existe uma intensa pesquisa de história da fotografia, não somente sobre a americana, mas de toda parte do mundo. (O "Asia House", fundação que expõe arte asiática, tendo como maiores patronos os Rockefeller, dispõe de um levantamento fotográfico de toda a Índia).

O livro apresenta um número de 15 fotógrafos, sendo que somente um de Santa Catarina, J. Otto Niemeyer. Número da maior limitação, quando sabemos existir registros fotográficos de Santa Catarina já a partir de 1860. Niemeyer, cuja atividade restringiu-se à área da Colônia de Dona Francisca, de origem alemã, registrou muitos aspectos daquela região, desde as vistas de ruas com o cotidiano à luz natural, às fotos de grupos e aos retratos posados.

O historiador Oswaldo R. Cabral em seu livro "Nossa Senhora do Desterro", dedica um espaço aos



O Palácio do Governo antes e depois de 1894
Fotógrafo Anônimo.
Reprodução G. Gerlach.

retratistas que passaram por Desterro. Assim, temos notícia de que, em 1859, um João Azzaly já registrava, no tempo, a imagem dos desterrenses. Que, dois anos após, um José Maria Barreto de Menezes, na rua do Príncipe No. 18 (atual Conselheiro Mafra), tinha um ateliê próprio; em 1863, um Vicente Mola já fazia retratos em papel; em 1867, viam-se nos jornais anúncios de Cristiano Júnior, Moisés Willian Comset, Nuno P. da Câmara, Marcos Agapito de Mello, W.S. Bradley, — quase todos com ateliês ambulantes, fazendo retratos nos estúdios (mesmo em dias de chuva, nas mais exóticas técnicas) e tirando vistas da cidade, sob encomenda. Em plena época da guerra do Paraguai, com Desterro sofrendo suas conseqüências. Passados dez anos, outros nomes ocupavam os jornais com anúncios: Gabriel Juan Marroig, Alves Ferreira, Porfírio Machado, Adolfo Fritz, Marius Marchand, João Delmas, Gustav Pfatt Nicoló Parente, etc., etc.

Nos últimos anos do século passado e inícios deste, os cartões-postais da coleção de Gustavo Goeldner sobre Desterro, o ateliê de Heinrich Engelke, a Fotografia Ítalo Brasileira da antiga rua do Senado

(atual Felipe Schmidt), a Livraria Central de Alberto Entres, na mesma rua, os postais vendidos na Livraria Moderna da Praça XV, as impressões editadas em Dresden por G. H. Rehfeld & Sohn para Germano Boesken, em Desterro, etc. Nos outros centros importantes do Estado de Santa Catarina, os cartões-postais editados por Eugen Currlin, com vistas de Blumenau, Itajaí, Joinville, São Francisco; os editados por H. Probst & Filho, em Blumenau; Ayres de Ulysséa & Cia., em Laguna; da Relojoaria Paulo Baier, em Lages; conjunto de documentos que "testemunham uma idade que não voltará e que tão diferente foi daquela em que vivemos", no dizer de Oswaldo Cabral.

Negligenciar estas "velharias" significa contribuir para com o desaparecimento de um patrimônio emotivo e histórico que ainda existe espalhado pelo Estado.

Resta, portanto, uma proposta: a criação de um Museu da Fotografia que possibilite reunir, através de intensa pesquisa, todo o material fotográfico de valor cultural-histórico, relativo a todos os cantos do Estado de Santa Catarina.



"Ivan o Terrível" de Eisenstein.

CLUBE DE CINEMA

Inaugurado a 12 de agosto deste ano, o Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro funciona no auditório da Casa da Cultura (rua Tenente Silveira), sempre às 20 h e 30 min, e durante agosto e setembro apresentou inúmeros clássicos da filmografia mundial, entre eles: "O Estranho Caminho de Santiago", de Luiz Buñuel; "A Infância de Ivã", de Andrei Tarkovski; "Ivan o Terrível", de Serguei M. Eisenstein; "Madre Joana dos Anjos", filme tcheco de Jerzy Kawalerowicz; além de um Ciclo do Moderno Cinema Alemão, apresentando trabalhos de Fassbinder, Bernhard Sinkel, Hans Jürgen Syberberg e Werner Schroeter.

Em outubro a programação foi a seguinte:

Dias 8 e 9: Cultura e Arte da Holanda, com a apresentação de 4 filmes: "Como se faz um Ballet", sobre o moderno coreógrafo holandês Rudi Van Dantzig; e as obras dos pintores "Piet Mondrian", "George Hendrik Breitner" e "Carel Willink".

Dias 10 e 12: três média-metragens sobre "A Arte Viva do Japão", "Noh, o Teatro Popular Japonês" e "Kabuki, o Teatro Clássico Japonês";

Dias 11 e 13: "1789", filme francês de Ariane Manouchkine;

De 16 a 28 de outubro, foi apresentado novo ciclo do Cinema Alemão, com os filmes: "O Testamento do Dr. Mabuse", de Fritz Lang; "Mantra", de Kurt Gfeller & Hilmar Schatz; "Um Golpe de Misericórdia", de Volker Schlöndorff; "Para onde vai a Alemanha?", de Slatan Dudow & Bertold Brecht; "Uma Saída muito Forte", de Michael Verhoeven; e "John Glückstadt", de Ulf Mieke.

Para o mês de novembro, o Clube de Cinema programou uma série de palestras a serem ministradas pelo crítico de cinema Darci Costa, sob o título "O Cinema Norte-Americano" e ilustradas com fragmentos de alguns filmes desse cinema.

Roteiro das apresentações:

Dias 5 e 6: o "western"; dia 7: o "clássico" e o "humor"; dia 8: o "fantástico"; dia 9: o "horror"; dia 10: o "suspense"; dia 11: o "mito" Humphrey Bogart; e dia 12: a "comédia" de Charles Chaplin.

GERAL

FESTIVAL DE CINEMA DE PENEDO

A Fundação Catarinense de Cultura está recebendo inscrições para o VI Festival do Cinema Brasileiro de Penedo, promovido pelo Governo do Estado de Alagoas, através da EMATUR (Empresa Alagoana de Turismo S.A.) e que se realizará no período de 11 a 13 de janeiro de 1980, em Penedo, Alagoas.

Poderão ser inscritos filmes realizados originalmente em super 8, de qualquer gênero, com duração máxima de 30 minutos.

O prazo para a entrega dos filmes será até 2 de janeiro próximo. Os interessados devem procurar a FCC (rua Victor Konder, 71 - Florianópolis) para maiores informações.

FEIRA DO LIVRO INFANTO-JUVENIL

Com objetivos específicos, tais como facilitar à criança o acesso ao livro; incentivar a formação de serviços biblioteconômicos dedicados à infância; alertar a comunidade para a importância do livro infanto-juvenil enquanto veículo de comunicação e de transmissão de cultura, realizou-se no Largo do Museu de Arte, em Florianópolis, de 12 a 21 de outubro, a "Feira do Livro Infanto-Juvenil", com a participação de órgãos governamentais, UFSC, UDESC e editoras brasileiras. Além de apresentações de filmes, danças folclóricas e espetáculos teatrais, pronunciaram conferências por ocasião da Feira: Maria de Lourdes Krieger, escritora de livros infantis e juvenis (Florianópolis); Regina Yolanda Werneck, ilustradora de Livros infantis (Rio de Janeiro); Fausto Cunha, escritor e crítico literário (Rio de Janeiro); Ivete Duro, técnica em bibliotecas infantis (Porto Alegre); e Ruth Rocha, autora de livros infantis e juvenis (São Paulo).

PRÓ-MÚSICA

A Pró-Música de Florianópolis apresentou dois recitais durante o mês de outubro, encerrando o seu calendário para o presente ano. O primeiro, no dia 17, às 21 horas, no Teatro Álvaro de Carvalho, trouxe o duo Lina Maria Lobo Kubala (piano) e Zygmunt Kubala (violoncelo). No programa: Mozart, Schubert, Debussy, Edino Krieger, Kodally e Schumann.

Ainda no TAC, às 21 horas do dia 24, houve recital de piano de Marcelo Verzoni, de Porto Alegre, RS, apresentando peças de Heitor Villa-Lobos, num recital comemorativo ao vigésimo aniversário da morte do consagrado músico brasileiro.

TEATRO

Dias 14 e 15 de setembro, cenas de peças teatrais, com a duração de 10 minutos, foram apresentadas no Teatro da UFSC, como parte final do curso de Iniciação Teatral, oferecido pela Fundação Catarinense de Cultura. As cenas foram selecionadas das peças "Navalha na Carne", de Plínio Marcos; "Liberdade Liberdade", de Flávio Rangel e Millor Fernandes; "Bengala e Sombras", de Renato Filippini e "Bananas", uma criação livre. Os trabalhos tiveram a orientação de Vera Collaço, que ministrou o curso de Iniciação Teatral.

Em 24 de setembro, também no Teatro da UFSC, apresentou "Circo Arena" de Clécio Espezim, sobre a direção de Carmem Fossari. "Circo Arena" é uma experiência visando transpor para o palco motivos populares e lendas folclóricas, mediante uma interpretação crítica. O espetáculo volta a ser apresentado na UFSC de 9 a 14 de novembro.

Em comemoração ao dia do funcionário público, 28 de outubro, o Grupo Teatral "NÓS", de Florianópolis, reapresentou a peça infantil "A Revolta dos Brinquedos", de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, no Teatro Álvaro de Carvalho. O espetáculo do Grupo "NÓS" desde setembro vem ganhando o aplauso do público infantil em sucessivas apresentações na Capital e algumas cidades do interior catarinense.



"NÓS" em "A Revolta dos Brinquedos".

No Teatro de Bolso "Prof. Rodolfo Gerlach", de Blumenau, SC, vem sendo realizada desde 22 de setembro a "Mostra do Teatro Amador de Blumenau". Para o mês de novembro estão programados os seguintes espetáculos:

Dia 3: "A Dama da Madrugada", pelo Grupo Teatral do Colégio Franciscano Santo Antônio;

Dia 10: "Lição para Gazeadores", pelo Grupo Teatral Ribalta;

Dia 17: "Dois é bom, três é muito, quatro é demais", pelo Grupo Teatral Paz e Bem;

Dia 24: "Último Ensaio", pelo Grupo Vale do Sol.

Todos os espetáculos se realizam às 20 horas e têm o patrocínio da Prefeitura Municipal de Blumenau.



Ribeirão da Ilha

MOSTRA CULTURAL DA ILHA

No Ribeirão da Ilha, distrito da Ilha de Santa Catarina, será realizada em 9 de dezembro a "Mostra Cultural de Ribeirão da Ilha", iniciativa da Fundação Catarinense de Cultura que visa levantar o artesanato local e as atividades folclóricas existentes ou desativadas, registrar a atividade dos engenhos, das rendeiras, dos pescadores, enfim, localizar os valores culturais da comunidade ribeironense, alguns dos quais em vias de extinção. O trabalho de levantamento das atividades artesanais está sendo registrado fotograficamente por Fernanda Telles e a Mostra conta com a colaboração da Vadel Materiais Fotográficos Ltda., que fornece filmes e slides, principalmente.



MEYER FILHO
EXPÔE DIA
10 DE DEZEMBRO
NO MASC.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE ESCRITORES

A Semana do Autor Catarinense realizou-se de 23 a 27 de outubro, em consonância com as comemorações da Semana Nacional do Livro. Durante a Semana houve lançamento dos livros "Cronistas e Contistas Catarinenses", da Editora Lunardelli, e "África Adeus", poemas de Maria Helena Noronha, Editora UDESC; uma noite de declamações com poetas catarinenses; exposições de livros de autores catarinenses na Fundação Catarinense de Cultura e, no dia 27, reuniram-se 40 escritores de diversas cidades do Estado em Assembléia Geral da Associação Catarinense de Escritores, com a finalidade de eleger nova diretoria. Eis os eleitos:

Presidente - Liberato Manoel Pinheiro Neto; Vice-Presidente - Luiz Antonio Martins Mendes; 2o. Vice-Presidente - Hilton Amaral; Secretário - João Tomaz de Souza; 1o. Secretário - Rosemary Fabrin; 2o. Secretário - Celestino Cecco; Tesoureiro - Amílcar Neves; 1o. Tesoureiro - Carlos de Freitas; 2o. Tesoureiro - Cirineu Martins Cardozo; Diretor de Patrimônio - Roberto Costa; Diretor de Editoração - Flávio José Cardozo; Assessor Jurídico - Salomão Ribas Júnior; Assessor de Intercâmbio - Osmar Pisani; Assessor de Comunicação Social - Vicente Ímpaléa Neto; - Conselho Fiscal - Holdemar Menezes, Carlos Adauto Vieira, Braulio Schloegel, Lauro Junkes e Celestino Sacht; Conselho Consultivo - Vilson Nascimento, Enéas Athanásio, Artêmio Zanon, Theobaldo Costa Jamundá e David Gonçalves; Conselho Editorial - Silveira de Souza, Glauco Rodrigues Correa, Pedro Bertolino da Silva. Foram também eleitos os coordenadores dos seguintes núcleos: Blumenau - Oldemar Olsen Júnior; Joinville - Alcides Buss; Criciúma - Luiz Abel da Silva; Caçador - Silmar Boherer; Canoinhas - Mário Tessari.

Desterro fins séc.XIX : a ponta da Ilha de Santa Catarina, onde situa-se hoje o pilar da ponte H.Luz. Fotografia de anônimo(detalhe), vendida na casa de Germano Boesken. Reprodução G.Gerlach.



BOI
de
MAMÃO